



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DAIANE LOPES DOS SANTOS

**A ATUAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) PARA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR: ESTUDO DE  
CASO EM UM PROJETO SOCIAL NA CIDADE DE AMARGOSA-BA**

AMARGOSA-BA  
2018

DAIANE LOPES DOS SANTOS

**A ATUAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) PARA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO EM UM PROJETO SOCIAL NA CIDADE DE AMARGOSA-BA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito obrigatório para obtenção de título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Alice Costa Macedo

AMARGOSA-BA  
2018

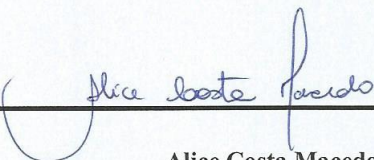
**DAIANE LOPES DOS SANTOS**

**A ATUAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) PARA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO EM UM PROJETO SOCIAL NA CIDADE DE AMARGOSA-BA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 22/08/18

**BANCA EXAMINADORA**

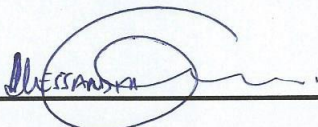


---

**Alice Costa Macedo (Orientadora)**

Doutora em Psicologia

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

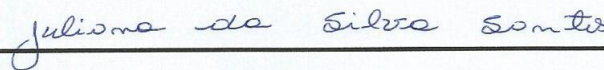


---

**Alessandra Gomes**

Doutora em Educação

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



---

**Juliana da Silva Santos**

Especialista em Psicanálise Clínica

Faculdade Anísio Teixeira – FAT

Dedico este trabalho a minha família, em especial aos meus pais Maria Neide e Antonio, pois são a minha base, sempre estiveram ao meu lado me apoiando, me aconselhando e sempre me proporcionaram o melhor. E também a minha madrinha Elenita (in memoriam) pois mesmo apesar da distância física se fez presente em minha vida, sempre foi como uma segunda mãe sempre torcendo por mim, vibrando com as minhas conquistas.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me concedido saúde e forças para conseguir chegar ao final da graduação e concluir o curso.

Aos meus pais que desde o início me apoiaram em tudo, e mesmo distantes fisicamente se fizeram presentes em todos os passos que dei.

Aos meus irmãos que sempre me deram força para seguir minha caminhada, mesmo distantes, e foram meus parceiros de passeios para me distrair e recarregar minhas energias e voltar para Amargosa com mais gás para estudar.

A minha madrinha que sempre torceu por mim, e mesmo antes de falecer sempre me deu apoio para seguir com meus estudos.

Às minhas amigas da Universidade que foram muito mais que amigas, tornaram minha família em Amargosa.

Aos meus amigos da igreja, que me deram apoio e me ajudaram a seguir na fé e na caminhada estudantil.

Aos amigos do Rio de Janeiro que souberam compreender minha ausência em alguns momentos e mesmo distante e não tendo contato diariamente me ajudaram com mensagens de apoio.

Aos professores que tive na Universidade que além de contribuírem positivamente na minha formação acadêmica foram anjos que tive o prazer de conhecer e levarei para toda a vida.

À minha orientadora Alice Macedo que com seu jeito meigo e muito calmo, de fato me orientou e me ensinou muito.

Aos funcionários da instituição que de certa forma também contribuíram no meu processo de formação.

A Adélia por ter sido solícita e por ter aceitado fazer parte da minha pesquisa.

*“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.”*

*Rubem Alves*

## RESUMO

A atuação do/a pedagogo(a) está para além do espaço escolar, podendo este atuar no setor empresarial, em hospitais e em projetos sociais. No caso específico do terceiro campo citado, esse profissional deve se manter sempre atualizado e preparado para lidar com as demandas que os diversos contextos de atuação em espaços de educação não formal lhe apresentam. Tendo como base a perspectiva etnográfica esta pesquisa busca estudar as possibilidades de atuação do/a pedagogo(a) para além do espaço escolar, mais precisamente em um projeto social. Essa pesquisa foi desenvolvida em um projeto social em Amargosa, onde se pôde observar a atuação de uma pedagoga, assim como o trabalho desenvolvido neste projeto. Foi feito um levantamento bibliográfico relacionado ao tema, assim como um estudo de caso no projeto social, Ponto de Leitura, tendo como base a perspectiva etnográfica. E para levantamento de dados, foram feitas observações participantes, entrevista semiestruturada e notas em diário de campo. A partir da experiência vivida nesse projeto foi possível perceber o quanto a presença de um(a) pedagogo(a) nos espaços de educação não formal é importante. Com o passar do tempo, a pedagoga que atua no espaço pesquisado, desenvolveu uma metodologia própria, dando assim, uma característica muito forte ao projeto, pois essa difere do tradicional. Todo o trabalho pedagógico desenvolvido se entrelaça nas relações interpessoais das crianças dentro e fora do projeto, assim como o incentivo a leitura que é uma proposta que a pedagoga não abre mão.

**Palavras-Chave:** Educação, Educação não formal, Pedagogo(a).

## RESUMEN

La actuación del/la pedagogo(a) está más allá del espacio escolar, pudiendo este actuar en el sector empresarial, en hospitales y en proyectos sociales. En el caso específico del tercer campo citado, ese profesional debe mantenerse siempre actualizado y preparado para lidiar con las demandas que los diversos contextos de actuación en espacios de educación no formal le presentan. Con base en la perspectiva etnográfica esta investigación busca estudiar las posibilidades de actuación del/a pedagogo (a) más allá del espacio escolar, más precisamente en un proyecto social. Esta investigación fue desarrollada en un proyecto social en Amargosa, donde se pudo observar la actuación de una pedagoga, así como el trabajo desarrollado en este proyecto. Se hizo un levantamiento bibliográfico relacionado al tema, así como un estudio de caso en el proyecto social, Ponto de Leitura, teniendo como base la perspectiva etnográfica. Y para el levantamiento de datos, se hicieron observaciones participantes, entrevista semiestruturada y notas en diario de campo. A partir de la experiencia vivida en ese proyecto fue posible percibir cuánto la presencia de un pedagogo(a) en los espacios de educación no formal es importante. Con el paso del tiempo, la pedagoga que actúa en el espacio investigado, desarrolló una metodología propia, dando así una característica muy fuerte al proyecto, pues esta difiere de lo tradicional. Todo el trabajo pedagógico desarrollado se entrelaza en las relaciones interpersonales de los niños dentro y fuera del proyecto, así como el incentivo a la lectura que es una propuesta que la pedagoga no se abre la mano.

**Palabras Clave:** Educación, Educación no formal, Pedagogo(a).

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. UMA PERSPECTIVA SOBRE A EDUCAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
2.1 Educação Informal .....	12
2.2 Educação Formal .....	12
2.3 Educação Não formal .....	13
<b>3. O/A PEDAGOGO(A) E AS DIVERSAS FORMAS DE ATUAÇÃO .....</b>	<b>15</b>
3.1 O(a) Pedagogo(a) no setor empresarial .....	18
3.2 O(a) Pedagogo(a) no setor hospitalar .....	19
3.3 O(a) Pedagogo(a) em Projetos Sociais .....	21
<b>4. METÓDO.....</b>	<b>24</b>
4.1 Tipo de estudo .....	24
4.2 Participantes .....	24
4.3 Procedimentos .....	25
<b>5. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>29</b>
5.1 Cenário .....	30
5.2 Atores .....	32
5.3 A ação.....	36
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>49</b>
<b>8. APÊNDICE A .....</b>	<b>51</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Nós, seres humanos, estamos predispostos a nos reinventarmos e nos transformarmos conforme o tempo passa. A educação que recebemos desde o nascimento tem forte influência no adulto que nos tornamos. Como diz o dito popular: “Educação vem de casa”. De fato, educação vem de casa, mas esta também ocorre além do seio familiar e do ambiente escolar. A todo o momento estamos em contato com pessoas, estamos ensinando e aprendendo, isso também é uma forma de educação.

No ambiente escolar existem profissionais formados para lidar com esse processo de aprendizagem dos educandos, que são os pedagogos, estes atuando nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, na Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA (i) ou na gestão escolar como coordenador pedagógico ou na direção. Mas ao decorrer dos anos, a sociedade vem passando por diversas mudanças e avanços. E com essas mudanças, o setor profissional vem evoluindo e abrindo várias portas para os campos de atuação, nas diversas profissões.

Por consequência desses avanços, os/as pedagogos(as) devem estar sempre atualizados e preparados para atuarem nos diversos contextos. E sobre a formação desse profissional, Libâneo (2010, p. 38) afirma:

O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *stricto sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender demandas socioeducativas de tipo formal e não formal e informal, decorrentes de novas realidades.

Compreende-se então que o curso deve dar base para que esses futuros profissionais possam atuar em vários contextos. O curso de Pedagogia dá mais ênfase ao exercício da profissão na docência, na direção ou coordenação escolar e, mesmo sendo um curso de licenciatura, outras possibilidades de atuação devem ser apresentadas.

O licenciado em Pedagogia será um profissional polivalente, haja vista que seu título lhe oportunizará desenvolver profissionalmente várias atividades em espaços escolares e não escolares, tendo um alto índice de adaptabilidade ao mercado de trabalho. Tais conceitos articuladores do curso – docência, gestão e conhecimento – estabelecem um novo perfil do pedagogo, no qual a docência ocupa uma posição hegemônica no interior do curso de Pedagogia, não apenas por ser a sua base, mas por expressar uma nova concepção de docência. (FALCO; MOREIRA, 2017, p. 262).

Conforme o que foi apontado pelas autoras, o licenciado em Pedagogia poderá atuar tanto em espaços formais como não formais de educação. As demandas da sociedade que vêm

surgindo com o passar do tempo acabaram por moldar um novo perfil para o/a pedagogo(a), ampliando o campo de atuação para esse profissional.

Ao entrar no curso de pedagogia e fazendo pesquisas sobre a atuação do/a pedagogo(a) me identifiquei com o(a) pedagogo(a) empresarial, e não sabia que o setor empresarial era um dos espaços que este profissional poderia atuar. O currículo da universidade na qual fiz a graduação dispõe de duas disciplinas que teoricamente deveriam apresentar essas outras possibilidades de atuação. A disciplina de Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Não Escolares é uma disciplina de estágio, fica na grade do quinto semestre e a outra é Prática Reflexiva em Ambientes Não Escolares no sétimo semestre. Ambas apresentaram uma breve discussão teórica sobre o pedagogo atuando em ambiente não escolar. Após essas disciplinas foi despertado em mim o desejo em querer saber mais sobre o que o profissional da educação, o pedagogo, pode desenvolver fora do espaço escolar. Tendo em vista isso, surgiu a problemática: *“O pedagogo é o profissional formado para atuar no ambiente escolar, mas frente às demandas da sociedade, quais são os espaços fora da escola em que ele pode atuar?”* que deu início a essa pesquisa. Frente a esse questionamento, a pesquisa busca *estudar a partir de um estudo de caso as possibilidades de atuação do/a pedagogo(a) para além do espaço escolar, mais precisamente em um projeto social, assim como citar algumas das possibilidades de atuação para o/a pedagogo (a) fora do espaço escolar e conhecer o trabalho desenvolvido por uma pedagoga em um projeto social.*

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos. O segundo capítulo, *Perspectiva sobre a educação*, apresento uma breve discussão sobre educação em seu sentido amplo, e em diversos contextos como os de educação formal, informal e não formal. O terceiro, *O/a pedagogo(a) e as diversas formas de atuação*, faço uma abordagem sobre as diversas formas de atuação do/a pedagogo(a) destacando esse profissional no setor empresarial, hospitalar e em projetos sociais. No quarto, *Método*, será apresentada a metodologia escolhida para desenvolver essa pesquisa. E por fim a *Resultados e Análise de dados*, onde será apresentado tudo o que foi vivenciado e compartilhado durante a pesquisa de campo, fazendo um paralelo com teóricos que discutem sobre essa temática.

Foi feito um levantamento bibliográfico relacionado ao tema, assim como um estudo de caso no projeto social, Ponto de Leitura, tendo como base a perspectiva etnográfica. Para levantamento de dados, foram feitas observações participantes, entrevista semiestruturada e notas em diário de campo, conforme será melhor discutido e detalhado no capítulo Método.

## 2. UMA PERSPECTIVA SOBRE A EDUCAÇÃO

Ao longo da minha trajetória no curso de Pedagogia, pude perceber a importância do pedagogo tanto em espaço escolar, como fora dele. Não se pode falar da atuação do pedagogo sem falar sobre a educação, que é um campo de estudo muito complexo, e abrange várias linhas de pesquisa. Sobre isso, Libâneo (2010, p.87) aponta que “a educação abrange o conjunto das influências do meio natural e social que afetam o desenvolvimento do homem na sua relação ativa com o meio social.” Sendo assim, é possível dizer que a educação influencia diretamente no modo de vida e comportamento do homem.

Muitos fazem uma relação quase que instantânea entre educação e escola, mas esta vai muito além. Ao nascer, uma criança já chega a um ambiente preparado, coberto de valores e regras. E conforme o seu crescimento, passa a frequentar outros ambientes, inclusive a escola, e passa a conviver com pessoas que foram educadas de forma diferente da sua, e a partir desse convívio vai se constituindo como um ser social.

Segundo Brandão (2007, p. 7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Nesse sentido, compreende-se que a educação está sempre presente na vida do ser humano, e está para além dos muros da escola. A partir da afirmação do autor, pode-se perceber que a escola não é o único espaço em que ela está presente, para tanto em alguns espaços se faz necessária a presença de um pedagogo para que se tenha uma mediação. Ainda sobre educação, Brandão (2007, p.9) afirma que:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.

Com base na afirmação do autor, a escola e o professor não são os únicos personagens quando o assunto é educação, sendo esta uma forma de “preparar”, “moldar” os seres humanos para o convívio social, visto que a nossa sociedade segue um padrão, e varia de acordo com a cultura local.

Gohn (2010, p. 17) descreve a educação em três contextos:

A *educação formal* pressupõe ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente. A *não-formal* ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos,

usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. A *informal* opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados.

Levando em consideração esses três contextos da educação (formal, não formal e informal), pode-se avaliar que, em cada um, a forma de educação exige uma intencionalidade, e estão sempre relacionados. Apesar das diferenças na estrutura, organização e intencionalidade, a educação está presente em todos os lugares.

## **2.1 Educação Informal**

Uma criança, ao nascer, é inserida em uma família dotada de valores e princípios. E a partir do momento em que ela passa a conviver com seus familiares, vai adquirindo características de um modo de vida idealizado por estes. E, com o passar do tempo, essa criança vai se moldando e criando características individuais. Gohn (2010, p. 16) afirma que a educação “informal incorpora valores e culturas próprias, de pertencimentos e sentimentos herdados”.

A educação informal, como o próprio nome já diz, ocorre de um modo “informal”, mas com uma intencionalidade implícita no seu modo de transpassar os indivíduos, seja no seio familiar, na relação com os vizinhos, amigos em um barzinho, crianças brincando em um parquinho, uma conversa na fila de um banco, dentre outras situações. “Os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, os colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa etc” (GOHN, 2010, p. 17).

A todo o momento estamos predispostos a educar e aprender nesse contexto de educação informal. Não existe um lugar preciso para que ela ocorra, e nem uma forma de estruturação ou um objetivo explícito a ser alcançado como na educação formal e não formal.

## **2.2 Educação Formal**

A Educação formal é entendida como a educação que ocorre em espaços institucionalizados e regulamentados pelas leis nacionais, como as Escolas, Faculdades, Universidades. Nesses espaços, existe um currículo, e metodologias pré-estabelecidos a serem seguidos. Gohn (2010, p. 16) caracteriza a educação formal como “aquela desenvolvida nas

escolas, com conteúdos previamente demarcados”, há uma normatização e leis a serem seguidas.

Freire (2014, p. 93) afirma que “ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte”. Nesse sentido, onde ocorre a educação, há uma troca de saberes e aprendizados, o ser humano vai se constituindo como um ser social.

É possível perceber que nos espaços onde ocorre a educação formal, existem padrões e regras a serem seguidos, tanto para os alunos quanto para os funcionários que a compõem. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 aponta que a escola objetiva formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc.

“Na educação formal espera-se, além da aprendizagem efetiva (que, infelizmente nem sempre ocorre), que haja uma certificação com a devida titulação que capacita os indivíduos seguir para graus mais avançados” (GOHN, 2010, p. 20). Sendo assim, uma característica marcante que difere a educação formal das demais é a aquisição de títulos.

Para Libâneo (2010, p. 88), o termo “formal refere-se a tudo o que implica uma forma, isto é, algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura. Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática.”. De acordo com o que o autor destaca, podemos reafirmar o que ele diz fazendo uma relação com os espaços institucionalizados de educação formal e percebendo de fato que existe uma estrutura, organização e planejamento para o sua efetivação.

### **2.3 Educação Não formal**

O conceito de educação não formal por vezes é confundido com o de educação informal, mas existe uma diferença entre ambos. Além de serem confundidos, algumas vezes os espaços em que estas acontecem não são considerados como um local que ocorre uma educação. A todo o momento estamos aprendendo e ensinando, mesmo que “inconscientemente”.

Como vimos anteriormente, a educação informal acontece sem uma intencionalidade explícita, e ocorre de acordo com o modo de vida, costumes e valores do meio em que um indivíduo está inserido. Já na educação não formal existe uma intencionalidade visível, ocorre a partir de um planejamento, há uma estrutura, mas não tanto como na educação formal, ocorre de forma espontânea.

Sobre educação não formal, Gohn (2010, p. 16) afirma que “é aquela que se aprende no ‘mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos”. Ocorre em espaços que não precisam ser necessariamente pré-definidos como nos espaços formais.

Seja em um hospital, uma ONG, uma empresa, um curso de língua estrangeira, uma academia, uma autoescola, dentre outros espaços, existe uma forma de educar, de formas distintas e com propósitos diferentes, mas com uma intencionalidade. Estes espaços também são considerados espaços de educação, mas de educação não formal.

Em cada espaço de educação informal, formal e não formal existe alguém que ensina. Gohn (2006, p. 29) afirma que:

Na educação formal sabemos que são os professores. Na não-formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc.

A partir da afirmação da autora percebe-se que em cada espaço existe alguém ensinando e outro aprendendo, mesmo no espaço formal. Embora a figura do professor, profissional formado, esteja associada à transmissão de conteúdos acadêmicos, ele também aprende com seus alunos, existe uma troca de saberes.

Em espaços de educação não formal, o aprendizado está relacionado ao convívio com o outro, na troca de experiências de vida, no compartilhamento de saberes adquiridos no decorrer da vida.

### 3. O/A PEDAGOGO(A) E AS DIVERSAS FORMAS DE ATUAÇÃO

Ao se pensar em Pedagogia e Pedagogo(a), logo vem à mente: escola, crianças, sala de aula, professor(a), etc. De fato é uma relação que fazemos quase que instantaneamente, não que seja errado, mas é necessário abrir um pouco mais o olhar para o campo de visão, pois no que diz respeito à Pedagogia e ao pedagogo(a), vamos para além do espaço escolar. Libâneo (2001, p. 6) afirma que a:

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais.

E tratando-se de uma relação direta com a “atividade humana” corresponde dizer que a pedagogia não está restrita à escola, pois onde há o contato e troca de saberes entre os seres humanos, existe aí uma prática educativa, mesmo que de forma implícita.

Analisando as diferentes formas da vida social dos seres humanos, é possível perceber que desde o ventre de sua mãe nota-se o início de uma educação. Antes mesmo de chegar ao mundo, tudo já é planejado para sua chegada, e almeja-se algo para seu futuro. A educação começa aí, quando sua família o orienta com suas crenças e modos de viver, em seguida no contato com outras crianças, seja na rua, com os vizinhos, na igreja, na escola; em sua adolescência com os amigos em uma roda de conversa, em um barzinho, em uma festa; na universidade quando expõe seu ponto de vista e entra em conflito quando outras pessoas têm pontos de vista diferentes; em sua vida adulta quando está prestes a formar sua própria família, criando assim um ciclo. A partir disso percebemos então que a vida não para e que constantemente estamos aprendendo e ensinando.

Visto que a educação não ocorre somente no espaço escolar, podemos perceber que o/a pedagogo(a) (professor(a)) não é o único responsável por ensinar e educar, e sua atuação está para além dos espaços escolares. É sabido que nas escolas é necessário que alguém seja formado para educar os sujeitos que a frequentam, é necessário ter uma formação para saber lidar com as demandas que uma escola, uma sala de aula apresenta.

A idéia de senso comum, inclusive de muitos pedagogos, é a de que Pedagogia é ensino, ou melhor, o modo de ensinar. Uma pessoa estuda Pedagogia para ensinar crianças. O pedagógico seria o metodológico, o modo de fazer, o modo de ensinar a matéria. Trabalho pedagógico seria o trabalho de ensinar, de modo que o termo *pedagogia* estaria associado exclusivamente a ensino (LIBANEO, 2001, p.5).

Ao entrar na Universidade, os alunos do curso de Pedagogia se questionam quanto aos espaços em que poderão atuar. E durante a minha graduação, pude perceber que, se tratando da atuação do pedagogo(a), a docência ainda é a primeira e muitas vezes a única a ser citada. É válido ressaltar que poucas são as disciplinas ofertadas que apresentam possibilidades de atuação para o/a pedagogo(a) em ambientes não escolares. Mesmo o curso sendo de licenciatura, o leque para esses futuros profissionais deve não só ser apresentado, como também dar base para que, caso seja a opção do estudante do curso atuar fora da escola, ele tenha consistência do que aprendeu na universidade, mesmo que por questões burocráticas ele tenha que fazer um curso de especialização para se aprofundar na área em que pretende atuar.

O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *strictu sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender demandas sócio-educativas de tipo formal e não-formal e informal, decorrentes de novas realidades. (LIBÂNEO, 2010, p.39).

Nesse sentido é importante que a formação do/a pedagogo(a) seja ampla e consiga atender as demandas que a sociedade apresenta. O Conselho Nacional de Educação (CNE), na resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, e em seu art.5º diz que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto também a: IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo.

Libâneo e Pimenta (2011, p.19) afirmam que:

O curso de pedagogia destinar-se-á à formação de profissionais interessados em estudos do campo teórico-investigativo da educação e no exercício técnico-profissional como pedagogos no sistema de ensino, nas escolas e em outras instituições educacionais, inclusive as não escolares.

Com base na afirmação dos autores, é necessário que os cursos de Pedagogia formem profissionais que saibam lidar com as diversas possibilidades de espaços onde poderão atuar. E é importante que estes saibam lidar com as demandas que estão presentes, seja em espaço escolar ou não.

E sobre a atuação do/a pedagogo(a) podemos afirmar que tem se ampliado bastante. Libâneo (2001, p. 11) afirma que existem três tipos que pedagogos:

1) Pedagogos *lato sensu*<sup>1</sup>, já que todos os profissionais se ocupam de domínios e problemas da prática educativa em suas várias manifestações e modalidades, são,

---

<sup>1</sup> Compreende programas de especialização e incluem os cursos designados como MBA (Master Business Administration).



genuinamente, pedagogos. São incluídos, aqui, os professores de todos os níveis e modalidades de ensino; 2) pedagogos *stricto sensu*<sup>2</sup>, como aqueles especialistas que, sempre com a contribuição das demais ciências da educação e sem restringir sua atividade profissional ao ensino, trabalham com atividades de pesquisa, documentação, formação profissional, educação especial, gestão de sistemas escolares e escolas, coordenação pedagógica, animação sociocultural, formação continuada em empresas, escolas e outras instituições; 3) pedagogos *ocasionais*, que dedicam parte de seu tempo em atividades conexas à assimilação e reconstrução de uma diversidade de saberes.

Após a sua formação (graduação) o/a pedagogo(a) tem a possibilidade de escolher em qual área quer seguir, para isso é necessário uma identificação com a área pretendida e empenho. Assim como mencionado por Libâneo (2001) para algumas áreas de atuação, é necessário que se tenha uma especialização, para que este possa se aprofundar melhor nesse campo específico e contribuir significativamente.

Este trabalho apresentará três possibilidades de atuação para além do espaço escolar, sendo o foco a atuação de uma pedagoga em um projeto social. Iniciará uma abordagem sobre o/a pedagogo(a) empresarial, que atua no setor empresarial; o(a) pedagogo(a) hospitalar que atua em hospitais, este podendo atuar como um(a) pedagogo(a) (professor(a)) de um hospital, ou no setor organizacional; e por fim o/a pedagogo(a) social, que atua em projetos sociais. É válido ressaltar que para essas funções fora do ambiente escolar, é necessário que o profissional faça uma especialização específica para a respectiva categoria.



<sup>2</sup> Compreende programas de mestrado e doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino.

Fonte: Ministério da Educação, Qual a diferença entre pós-graduação *latu sensu* e *stricto sensu*? Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13072:qual-a-diferenca-entre-pos-graduacao-lato-sensu-e-stricto-sensu>> Acesso 09/05/2018

### 3.1 O(a) Pedagogo(a) no setor empresarial

“Pedagogo(a) empresarial?” “O que será que um(a) pedagogo(a) faz em uma empresa?” “Mas lá nem tem criança...” Essas são algumas das frases ditas por quem ainda não conhece sobre a Pedagogia empresarial, e que é uma possibilidade de atuação para o/a pedagogo(a).

A Pedagogia empresarial é pouco conhecida. E por, na maioria das vezes, a pedagogia ser relacionada à escola, não conseguem enxergar a relação e a intencionalidade da pedagogia no setor empresarial.

Compreender o papel do/a pedagogo(a) (professor(a)) e da pedagogia na escola é algo mais visível aos nossos olhos, mas em uma empresa, onde a dinâmica é completamente diferente, talvez seja difícil de enxergá-la. Nesse sentido, sobre a Pedagogia na empresa, Ribeiro (2010, p.11) afirma que a pedagogia “Tem seu surgimento vinculado à ideia da necessidade de formação e/ou preparação dos Recursos Humanos nas empresas.” Podendo, neste setor, a pedagogia estar inserida no contexto organizacional.

Como visto anteriormente, o/a pedagogo(a), em seu processo de formação, é preparado também para lidar com o processo de aprendizagem, e seus diversos níveis, assim como para pensar em formas de como contribuir positivamente nesse processo de aprendizagem. No contexto escolar isso está mais relacionado à escolarização, e já no setor empresarial está mais voltado para a aprendizagem continuada.

Não são todas as empresas que adotam a pedagogia empresarial como algo que irá alavancar o ritmo de produção. Ainda é necessário que compreendam o que é a pedagogia empresarial e sua importância nesse setor.

Abrantes (2012, p.94) afirma que:

A Pedagogia Empresarial pode ser definida como relacionada à aprendizagem das empresas e de seus funcionários ou, como é conhecida atualmente, capital intelectual. A proposta da pedagogia Empresarial é ajudar as empresas a “aprender a aprender”, isso no contexto da educação continuada, ou seja, para um mundo em constante mudança.

Nesse sentido podemos compreender que a pedagogia pode estar inserida dentro de um contexto diferente ao da escola, e está relacionada à aprendizagem em seu sentido amplo, e de forma continuada. E como mencionado pelo autor, o mundo está em constante mudança, nesse sentido o ser humano deve se permitir aprender a aprender, estando também sempre

atento a essas transformações. No setor empresarial é necessário saber lidar com essas mudanças que são recorrentes, e estar aberto a aprender com elas.

“O pedagogo então passa a atuar dentro da empresa para promover a estruturação da aprendizagem, detectar metodologias apropriadas, do como se aprende e, em uma atitude ideal, cuidar do por que não se aprende.” (LOPES, 2013, p.23). Sendo assim, fica a cargo do/a pedagogo (a) criar estratégias para que os outros profissionais, que estão sob sua tutela, possam aprender de forma fácil e significativa, não deixando de lado o que estes têm a colocar sobre o seu tempo e limitações. Lopes (2013) aponta que a metodologia deve ser bem escolhida e flexível, pois ela interfere diretamente na qualidade da aprendizagem.

Assim como em qualquer espaço de atuação, o/a pedagogo(a) deve estar atendo aos detalhes e se questionar se sua metodologia está sendo eficaz, se a aprendizagem está ocorrendo de fato, ouvir o que o outro tem a dizer sobre o seu processo de aprendizagem e valorizar o que já foi aprendido.

O/A pedagogo(a) tem sua importância no setor empresarial, portanto cabe a ele orientar, ensinar e aprender, e incentivar os profissionais na busca por conhecimento e atualizações, pois isso gera um olhar positivo da gestão, promovendo assim um avanço na produtividade da empresa.

### **3.2 O(a) Pedagogo(a) no setor hospitalar**

A vida para nós seres humanos é uma caixinha de surpresas. Um dia podemos estar muito bem e outro nem tanto. O nosso organismo é movido como uma “máquina”, que precisa de todo um controle, é necessário estar sempre atento para que nada lhe falte. Quando o corpo necessita de algo ou algo estranho é inserido a ele, um sinal de alerta é acionado nos levando ao médico para uma averiguação.

Para um adulto receber a notícia de estar com alguma doença, por vezes é dolorido, quanto mais para uma criança que muitas vezes ainda não tem maturidade para compreender o que está acontecendo. A depender da gravidade da doença que se tenha, é recomendado pelos médicos que se passe um tempo no hospital para que um tratamento seja iniciado e que se tenha um acompanhamento mais de perto.

Passar muito tempo em um hospital demanda uma mudança na rotina da vida desses que precisam passar por uma internação. Em alguns casos são dias, semanas, meses e até

anos. Na vida de qualquer pessoa, seja idoso, adulto, jovem ou crianças, é muito complicado, pois existe todo um processo de aceitação.

Boa parte dos hospitais dispõe de uma equipe além da equipe médica para auxiliar nesse processo, principalmente nos casos mais graves (de patologias) e nos que precisam passar mais tempo, pois o tratamento é mais intenso, e um dos profissionais envolvidos além do/a psicólogo(a) é o(a) pedagogo(a).

Às crianças que por algum motivo maior precisam ficar internadas por muito tempo em um hospital, a Constituição assegura o direito de estas continuarem o seu processo de escolarização nos hospitais. A Lei 1.044 da constituição federal descreve em seu Art 2º: “Atribuir a esses estudantes, como compensação da ausência às aulas, exercício domiciliares com acompanhamento da escola, sempre que compatíveis com o seu estado de saúde e as possibilidades do estabelecimento” (BRASIL,1969).

Para esse acompanhamento direto com as crianças que necessitam do auxílio pedagógico, é imprescindível um profissional especializado para que a criança tenha um bom desempenho. O/A pedagogo(a) que atua em hospital é intitulado Pedagogo(a) Hospitalar. Esse profissional pode atuar tanto como coordenador dos projetos que são desenvolvidos nos hospitais, assim como o professor regente da classe hospitalar, ou como auxiliar. “Aqui no Brasil o movimento da pedagogia hospitalar teve início na década de 50 no Estado do Rio de Janeiro, no Hospital e Escola Menino Jesus (...)” (LIMA; PALEOLOGO, 2012, p.3). E para atuar em hospitais, o/a pedagogo(a) precisa fazer um curso de especialização para poder atuar nesse espaço, onde é necessário como em qualquer ambiente a ética profissional, assim como humanização, visto que em alguns casos de patologias o paciente (a criança) fica muito debilitado. Os cursos de especialização abordam justamente essas questões que são mais delicadas em hospitais, saber como trabalhar com estratégias que possam ajudar significativamente na aprendizagem dessas crianças.

O/a pedagogo(a) junto com equipe médica deve fazer uma avaliação no hospital como um todo para saber das limitações e gravidade das patologias para poder desenvolver um projeto que atenda a todas as crianças que necessitam desse acompanhamento. Algumas delas por orientação médica não podem ter contato direto com outras pessoas, e outras já podem, sendo assim as que não podem transitar pelos corredores e que não podem ter esse contato direto, não podem frequentar as classes hospitalares, que são as salas onde ocorrem os encontros com os/as pedagogos(as), logo o atendimento a estes serão em seus quartos, e as atividades serão desenvolvidas respeitando suas limitações.

Cumpra às classes hospitalares e ao atendimento pedagógico domiciliar elaborar estratégias e orientações para possibilitar o acompanhamento pedagógico-educacional do processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos matriculados ou não nos sistemas de ensino regular, no âmbito da educação básica e que encontram-se impossibilitados de frequentar escola, temporária ou permanentemente e, garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral. (BRASIL, 2002, p.13)

Essas classes devem estar organizadas de acordo com as necessidades dos que irão frequentar, devendo ser também um ambiente atrativo e que de certa forma passe tranquilidade para estes.

É válido ressaltar que o/a pedagogo(a) “deve ter acesso aos prontuários dos usuários das ações e serviços de saúde sob atendimento pedagógico, seja para obter informações, seja para prestá-las do ponto de vista de sua intervenção e avaliação educacional” (BRASIL, 2002, p.18). E além do acesso ao prontuário, cabe ao pedagogo(a), antes de elaborar um projeto, entrar em contato com a escola de origem do/a educando(a) para saber do histórico, as dificuldades a partir do ponto de vista do professor e conteúdos que já foram passados.

Sobre o/a pedagogo(a) hospitalar, foi possível perceber o quanto esse profissional também é importante no setor hospitalar, visto que existe a necessidade para algumas pessoas mesmo com suas limitações o desejo, e isso também é assegurado por lei, de continuar estudando, e não há profissional mais qualificado para isso do que o/a pedagogo(a).

### **3.3 O(a) Pedagogo(a) em Projetos Sociais**

Na sociedade em que vivemos, a desigualdade social é um fator que tem se agravado com o passar do tempo. Muitos têm muito e outros pouco têm ou quase não têm. O capitalismo tem forte influência nisso, pois reforça de forma negativa essa questão social.

No Brasil e em alguns países as oportunidades nem sempre são dadas de forma equivalente para todos, tanto quando se precisa de um emprego, quanto na saúde e na educação. Para se conseguir um bom emprego hoje, está difícil, as exigências do mercado de trabalho criam uma barreira para os que não puderam e/ou não tiveram oportunidade de estudar. Por tal motivo estes que não conseguem emprego, e acabam ficando à margem da sociedade, são esquecidos.

Em zonas periféricas, comunidades rurais e centros urbanos onde existe um quantitativo muito grande de pessoas que necessitam de ajuda e precisam de um gás para poder “alavancar” na vida, alguns seres humanos de bom coração criam projetos sociais que

visam ajudar estes que necessitam. Podendo estes projetos sociais ser “de diferentes tipos, natureza, entidades patrocinadoras, etc” (GOHN, 2010, p.78). Em cada local existe uma demanda e a partir dessa demanda é pensando em algo que possa atender e contribuir positivamente na vida da população que vive neste local e precisa desse apoio.

(...) os projetos sociais precisam ser qualificados pelos seus objetivos, práticas e processos de aprendizagens construídos. Vê-los apenas como instrumentos, como ferramentas para desenvolver práticas que formem ou mudem atitudes e comportamentos, é reduzir o processo educativo que eles contêm a processos utilitaristas, tecnocráticos pragmatistas e empiricistas (GONH, 2010, p.79).

Com base na afirmação da autora, é de fato importante levar em consideração os objetivos precisos que o projeto social visa alcançar com seus participantes, não se pode ser algo apenas para desenvolver atividades ou contribuir com materiais palpáveis, é necessário ir além e contribuir para que estes saibam do seu papel como cidadãos e tenham uma consciência crítica e que possam lutar por seus direitos.

Como visto anteriormente, há uma pluralidade na natureza dos projetos sociais. Existem projetos sociais das seguintes naturezas, a saber: os que atendem crianças e adolescentes, mulheres, idosos, a pessoas com deficiência, a pessoas com problemas de alcoolismo, voltados a educação (com aulas de línguas, pré-vestibular, reforço escolar, profissionalizantes), a ação cultural (como aulas de dança, de canto, de capoeira e etc).

Os projetos sociais também são espaços onde ocorre educação, desde o contato entre os participantes, e os profissionais que atuam, até nas atividades que são propostas, educação essa considerada não formal.

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2006, p.28).

Com base na afirmação da autora nota-se que os espaços onde ocorre educação não formal são espaços fundamentais para contribuir significativamente na vida do homem como cidadão, como ser social.

Nos projetos sociais pode existir a atuação de uma equipe bem diversificada, podendo variar de acordo com as demandas que surgem, sendo possível ter a atuação de médicos,

técnicos em diversas áreas, professores de línguas, dança, artes, canto, psicólogo, e também o pedagogo.

Cada um desses profissionais colabora de acordo com sua área de especialização. O/A pedagogo(a) que é o foco desta pesquisa é considerado nesses espaços educador social, pois o objetivo maior dos projetos sociais é a educação social.

O/A pedagogo(a) social nesses espaços, além de contribuir com aulas que podem ser relacionadas a conteúdos escolares, como também com oficinas e na elaboração dessas oficinas que serão desenvolvidas. A atuação do pedagogo na perspectiva de projetos sociais está mais voltada para o incentivo e na valorização de identidade dos indivíduos que a compõem. É incentivar e provocar estes, para que possam ser críticos, que possam lutar pelos seus direitos, reforçando uma educação mais crítica.

## 4. METÓDO

### 4.1 Tipo de estudo

Toda pesquisa em si causa no pesquisador (no bom pesquisador) uma ansiedade, um desejo para estar em contato com seu objeto de estudo, de se aprofundar mais e mais naquilo que o fez querer pesquisar. Mas para que esta se inicie, é necessário um estudo, que se conheçam os métodos de pesquisa, se tenha uma organização, um planejamento para que saia tudo de forma coerente, atendendo aos seus objetivos e que, ao final, sua pesquisa possa contribuir de forma positiva para a comunidade científica<sup>3</sup>.

De acordo com este contexto supracitado, define-se esta pesquisa como exploratória, de perfil qualitativo e de corte transversal (FLICK, 2013). A pesquisa qualitativa vai ao mais profundo, tenta compreender o que é subjetivo, assim como ter um contato direto com os sujeitos que envolvem a pesquisa, o que difere da pesquisa quantitativa que preza mais pela precisão, exatidão em números na pesquisa. Ferreira (2015, p.113) afirma que “a [...] diferença básica é a forma como os cientistas representam o real, percebendo a realidade social através de números (para os quantitativistas) ou de aspectos subjetivos (para os qualitativistas)”.

Esta pesquisa sustentou-se em duas abordagens teóricas: o referencial da Educação não formal e a perspectiva etnográfica. Como será discutido neste capítulo sobre o Método, a abordagem procedimental antropológica mostrou-se útil para guiar o pesquisador em sua atuação no trabalho de campo e na coleta de dados. Da mesma forma, o ponto de vista da educação não formal revelou-se indispensável na composição da amostra e do *corpus*, além da construção da análise dos dados.

Para isso foi feito um levantamento bibliográfico para se conhecer o que já foi descoberto por outros autores sobre a temática, e a pesquisa de campo para conhecer a rotina de uma pedagoga atuando como coordenadora e fundadora de um projeto social.

### 4.2 Participantes

Em uma “pesquisa informal” sobre o mercado de trabalho para o/a pedagogo (a), pude perceber que existia a presença desse profissional em outros espaços fora a escola. Foi

---

<sup>3</sup> Comunidade científica está relacionada ao campo da ciência, independente da área de pesquisa.



despertado em mim o desejo em saber sobre o trabalho desenvolvido nesses espaços, visto que no espaço escolar, a universidade nos apresenta uma base teórica e nos permite ir a campo nos estágios, e ter um contato direto com esse profissional no ambiente escolar. Sendo assim, existiu no começo da pesquisa, a vontade de ir a campo e pesquisar sobre mais de um profissional atuando em espaço não escolar, como, por exemplo, hospitais e empresas, mas a demanda da cidade de Amargosa não apresenta essa variedade na atuação do/a Pedagogo(a). Por tal motivo, delineou-se um estudo de caso que fosse condizente com a realidade da cidade, sendo escolhida então a atuação do/a pedagogo(a) em um Projeto Social.

(...) um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p.21).

O local escolhido para pesquisa foi o projeto social Ponto de Leitura, localizado na cidade de Amargosa-Ba, no bairro Urbis II, fundado e coordenado por Adélia Maia Sampaio. Desse modo, os protagonistas deste estudo são a fundadora e o próprio projeto social, o Ponto de Leitura.

### **4.3 Procedimentos**

Como já mencionado anteriormente, esta pesquisa utilizou as técnicas etnográficas, a saber: observação participante e notas em diário de campo. Foram feitas seis visitas ao Ponto de Leitura, sendo uma como visitante apenas (o primeiro contato com o projeto) que foi em novembro de 2016 e as outras cinco vezes desenvolvendo oficinas para as crianças ao decorrer do ano de 2017 e 2018. Cada oficina durou em média uma hora, atendendo a rotina do projeto.

(...) pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula. (MATTOS, p. 2001)

Conforme o que é apontando por Mattos (2001), essas são algumas das características de uma pesquisa etnográfica, e com base nisso esta pesquisa se constitui uma pesquisa etnográfica. Com isso, neste estudo de caso, foi necessário ir a campo para se ter uma

familiaridade com o objeto de pesquisa para assim compreender o espaço, sua rotina, suas particularidades e como se dá a vivência nesse espaço.

Ir a campo exige do pesquisador um preparo tanto do seu modo de fazer pesquisa, como na sua abordagem com seu objeto de estudo. O primeiro contato é o cartão de visitas, para isso se faz necessário que o pesquisador saiba como se apresentar e deixar clara sua proposta de pesquisa, estando preparado para esclarecer dúvidas. Nesse primeiro contato com o espaço a ser pesquisado, Minayo (2012) afirma que o pesquisador deve ter uma postura e seguir uma sequência: Apresentação; Menção do interesse na pesquisa; Apresentação de credencial institucional; Explicação dos motivos da pesquisa; Justificativa da escolha do entrevistado; Garantia de anonimato e conversa inicial. Essa sequência é de fundamental importância para que um pesquisador siga, pois é necessário deixar às claras com o local e os atores que serão pesquisados o porquê da pesquisa, e dar a ele a escolha de poder fazer parte ou não da pesquisa a partir do que lhe foi apresentado na conversa inicial.

O pesquisador deve ir a campo livre de “pré-conceitos” e qualquer coisa que possa interferir na sua postura diante das suas descobertas ao decorrer da pesquisa, pois isso pode influenciar negativamente na análise dos dados. O pesquisador “etnógrafo deve ser capaz de viver no seu íntimo a tendência principal da cultura que está estudando” (LAPLANTINE, 1943 p.22), deve estar aberto ao que seu lócus de pesquisa lhe propõe. Segundo Minayo (2012, p.62), (...) “o pesquisador precisa não ficar preso às surpresas que encontrar e nem tenso por não obter resposta imediata a suas indagações”. Nesse sentido é válido ressaltar que fazer pesquisa exige do pesquisador certa paciência para lidar com o tempo e com as situações que podem ocorrer no período da pesquisa.

“Quando observamos, estamos procurando apreender aparências, eventos e/ou comportamentos.” (GODOY, 1995, p.27). É a partir desta que se pode analisar os detalhes com um “olhar” mais sensível, ao menos é o que se espera de um pesquisador.

Coletar dados numa situação de campo é, pois, uma importante característica de pesquisa etnográfica. O pesquisador se aproxima das pessoas e com elas mantém um contato direto por meio de entrevistas, conversas, enquetes. Registra, em seu diário de campo, descrição de pessoas, eventos e situações interessantes; opiniões e falas de diferentes sujeitos; tempo de duração de atividades; representações gráficas de ambientes (ANDRÉ, 2005, p.27).

Durante a pesquisa, os sujeitos que estão envolvidos podem no início se sentir acanhados ou com receio de um contato mais direto com o pesquisador, e às vezes as palavras não saem como planejam e a expressão corporal é a resposta quando isso acontece. A linguagem corporal é uma forma de expressão, e isso só pode ser percebido a partir da

observação. Esta é considerada uma forma de linguagem não verbal. Sobre isso Sousa, Leal e Sena (2010, p.784) afirmam que:

A linguagem não-verbal não é feita nem por sinais verbais nem pela escrita. Este tipo de linguagem é constituída por gestos, tom de voz, postura corporal, etc. Ela está mais enraizada em nosso passado biológico, sendo também a mais primária, intuitiva, praticamente não obedecendo à vontade. Por isso, ela é menos sujeita às influências e, de certa forma, muitas vezes, faz com que contradiga o que está sendo dito através de palavras.

Sendo assim, é necessário que o pesquisador tenha um olhar sensível para os pequenos detalhes, e que são significativos para sua pesquisa, para que nada passe despercebido.

Após todo esse período de observações, participações e vivências em campo, a pesquisadora também realizou uma entrevista semiestruturada “que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2012, p.64). Esta forma de entrevista permite uma liberdade ao entrevistado de se expressar sem ter uma imposição para uma resposta precisa, e é uma possibilidade para o pesquisador analisar nas entrelinhas as expressões a partir da fala do entrevistado. A entrevista semiestruturada (Apêndice A) com a fundadora do Ponto de Leitura, Adélia Maia Sampaio, ocorreu no dia 27/07/2018, em sua casa. Todo o relato foi transcrito na íntegra.

É válido que, durante o período de observação, o pesquisador faça anotações do que foi percebido para que, a partir dessas anotações, ele possa elaborar o questionário para a entrevista. Essas questões não devem ser taxativas tampouco repetitivas, pois para o entrevistado pode se tornar algo cansativo e desnecessário, fazendo com que as respostas não saiam de forma livre e espontânea.

Diante das possibilidades de atuação para o pedagogo, foi escolhida uma para ser estudada, que foi a atuação de uma pedagoga em projetos sociais, na cidade de Amargosa. Diante disso esta pesquisa é caracterizada como um *estudo de caso intrínseco*, que é “quando o pesquisador tem um interesse intrínseco naquele caso particular (...) o interesse é no caso em si, quer-se conhecer mais aquela unidade específica” (ANDRÉ, 2005, p.19).

Lidar com pessoas não é uma tarefa das mais fáceis. Existe uma série de aspectos que devem ser levados em conta e respeitados quando se entra numa relação com o outro. Fazer pesquisa com seres humanos, da mesma forma, implica estabelecer uma relação dentro de certos parâmetros, que podem agravar estas tensões sob alguns aspectos, fazendo com que esta não seja uma situação das mais confortáveis para seus protagonistas, sejam eles o pesquisador ou o pesquisado. (FREITAS; SILVEIRA, 2008, p.37)

Com base na afirmação das autoras é importante que o pesquisador procure manter uma boa relação com seu objeto de estudo apesar das divergências que podem ocorrer durante sua pesquisa, e mesmo que isso seja de alguma forma contrária ao seu pensamento, cultura ou crença o ideal é que isso não interfira na sua postura como pesquisador.

## 5. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta pesquisa, a análise dos dados será realizada a partir da perspectiva antropológica (especificamente, o olhar etnográfico de François Laplantine) e a concepção de Educação não formal de Maria da Glória Gohn. O diálogo entre essas duas abordagens será interessante para lançar luz sobre as observações participantes, a coleta de dados em diário de campo, as experiências no desenvolvimento de oficinas com as crianças do projeto e, por fim, a análise da entrevista com a fundadora do Ponto de Leitura.

A perspectiva etnográfica permite que o pesquisador mergulhe em seu lócus de pesquisa, causando um estranhamento (LAPLANTINE, 1983) diante dos dados que são colhidos. Estranhamento esse que possibilita uma abertura para o novo. Por outro lado, a etnografia permite uma familiaridade entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, visto que há uma interação entre estes ao decorrer do tempo e da pesquisa, fazendo com que o pesquisador sinta-se inserido no meio em que se encontra.

Será feita uma análise comparativa entre: a) a perspectiva de Educação não formal de Gohn (2010), a partir do que ela define como metodologia e objetivos da educação não formal, assim como a sua sistematização; b) e a análise tecida sobre o espaço de educação não formal investigado por esta presente pesquisa, o Ponto de Leitura, assim como a perspectiva de Adélia, a fundadora, em conduzir esse projeto.

No capítulo de resultados, optou-se por organizar a análise em três subcapítulos: cenário, atores e ação. No cenário, descreveu-se minuciosamente o Ponto de Leitura, desde o caminho que se faz na rua até a porta de sua entrada, passando pelos aposentos internos e os demais detalhes do ambiente. Ainda na seção sobre o cenário, narrou-se a história do projeto, desde sua fundação, consolidação, desenvolvimento até os dias atuais. Na parte sobre os atores, elencaram-se todos os participantes do Ponto de Leitura, desde a sua fundadora, passando pelos voluntários fixos e eventuais. Por fim, na ação, descreveu-se toda a experiência etnográfica da pesquisadora, em detalhes, ou seja, tudo o que aconteceu em seu trabalho de campo.

Deve-se ressaltar que, ao longo desses subcapítulos, aparecerão os trechos do diário de campo, relatos da observação participante, narrativas sobre as oficinas desenvolvidas e também informações contidas na entrevista semiestruturada. Isso significa dizer que os dados coletados aparecerão em diálogo durante toda a discussão.

Para finalizar, o trabalho será concluído com um capítulo de considerações finais, no qual a pesquisadora destacará as principais reflexões suscitadas por este estudo e os desdobramentos e contribuições mais importantes.

## 5.1 Cenário

O Ponto de Leitura foi fundado em fevereiro de 2016 por Adélia Maia Sampaio. De acordo com o material de divulgação do projeto, o seu objetivo é de “promover um espaço para leitura com base na Educação não formal com a participação de crianças. Propõe também realizar oficinas educativas, recreativas e culturais com as crianças”.

Tudo começou com um projeto que Adélia tinha em seu trabalho:

Eu tinha um trabalho na biblioteca que era uma experiência assim, um convite à leitura. Então eu convidava aqueles alunos, isso era coisa minha não era da secretaria, não era nada, era coisa minha... Ai eu convidava os meninos pra fazer uma leitura, né?! pra escrever alguma coisa... ((ela se retira para pegar um material que as crianças haviam produzido)) esse foi um trabalho que comecei em 2013 por minha livre e espontânea vontade. Porque na biblioteca na época não tinha nenhum projeto ((ela mostra as escritas das crianças)) Ai eu convidava para ler, depois escrevia, parece que comecei em 2013 e parei em 2014... Uns queriam escrever... Às vezes para provocar eu colocava algumas imagens, pedia para fazer alguma receita ou fazer anúncio de alguma coisa. *[sic]*

A partir dessa iniciativa o sonho de um projeto social foi se aprimorando:

Mas só que, eu pensava assim, meu Deus eu queria uma coisa já tipo, eu queria uma casa, eu queria um espaço, eu queria uma coisa assim palpável, eu queria assim. Eu ainda cheguei ai ir com as meninas, umas amigas em algumas comunidades, durante um cinco meses, eu ainda fui... A gente levava contação de história, inclusive a ACIAPA- Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Amargosa, pagava o carro, que é associação que tem aqui, pagava o carro pra gente ir. Ai quando chegou 2015, no final de 2015 eu fiquei pensando em uma coisa... Mas não era isso que eu queria ainda, estava faltando alguma coisa. *[sic]*

Adélia fundou o projeto com a ajuda de alguns “parceiros” da cidade. No início do projeto um dos parceiros ajudou (e ainda ajuda) financeiramente com o aluguel de uma casa no bairro para que as atividades pudessem ocorrer. É válido ressaltar que o projeto não tem ainda um patrocinador, ou apoio financeiro de órgãos públicos, tudo ocorre a partir de doações que são feitas pela própria Adélia, a comunidade, alguns empresários, e voluntários.

[...] comecei a procurar casa lá, no final de 2015, começo de 2016, ai eu comecei a procurar casa. Ai quando foi no início de fevereiro eu achei uma casa e aluguei com o meu dinheiro. (...) ai antes de completar um mês que eu tava lá, eu fui procurar o filho do dono do Feirão que era presidente da ACIAPA (Associação Comercial, Industrial, e Agropecuária de Amargosa), e antes disso eu tinha dito a ele se não tinha a possibilidade da ACIAPA pagar a casa... ai ele disse ah não.. na época que ele me disse tava com muita demanda não sei o quê. Ai eu encontrei com ele depois disso, ai ele me perguntou: e ai Dely?

Ai eu disse: Ah Neto, eu já aluguei a casa.  
 Ai ele falou assim: Tu conseguiu a parceria?  
 Ai eu disse: Não, eu aluguei com o meu dinheiro.  
 Ai no dia mesmo ele disse: Não, então o Feirão vai assumir o aluguel da casa. Como realmente assumiu até hoje. Então com menos de um mês que eu tinha alugado ele...  
 Eu paguei em fevereiro, e em março já foi eles que pagaram como tem sido até hoje, né?! E já vai fazer dois anos e sete meses. *[sic]*

Ao chegar ao bairro Urbis II, nos deparamos com uma realidade destoante à do Centro da cidade. É um bairro onde as pessoas são bem acolhedoras. Todas as vezes que estive lá todos foram bem receptivos e educados. Percebe-se que há um esquecimento por parte da gestão pública visto que o bairro ainda não tem asfalto nas ruas, e em alguns locais não há saneamento básico. Na cidade o bairro é considerado um bairro periférico, sendo mal visto por parte da população. Adélia comenta:

A Urbis II surgiu assim como um presente porque eu percebia que a Urbis II era um bairro que era desprezado, continua sendo desprezado, é um bairro muito carente. [...] Eu já conhecia lá a comunidade. Inclusive eu tinha medo de lá. Eu me pelava de medo de lá, porque diziam que lá só tinha traficante, essas coisas né? Ladrão, não sei o quê?! Eu particularmente tinha assim um medo e esse medo era um medo tipo assim de que precisava ser quebrado, e como quebrou né?! *[sic]*

A partir da afirmação de Adélia, podemos perceber que no início, até ela conhecer de fato o ambiente, as pessoas que viviam no bairro, houve um estranhamento. É natural que, ao se inserir em um espaço onde não se conhece, muitos “pré-conceitos” existam. Assim, até ocorrer a familiarização com o espaço, com o modo de vida e com a cultura, leva um tempo, tanto para quem chega quanto para quem recebe.

Quando chegamos à rua, os moradores ficam observando, veem sempre pessoas diferentes chegando ao bairro, imagino ser uma curiosidade, mas acredito que sabem que sempre vão voluntários para o Ponto de Leitura.

A sede do Ponto de Leitura fica em uma casa alugada. É uma casa simples, ampla. As atividades geralmente acontecem na garagem por conta da quantidade de crianças, mas algumas vezes acontecem dentro da casa, na sala. A casa contém um quarto onde Adélia guarda os materiais e brinquedos que ela recebe de doação, uma cozinha onde ela armazena alimentos que recebe para o lanche deles, e uma área externa nos fundos.

Ao passar pelo portão encontramos na garagem alguns pôsteres pendurados na parede com fotos de atividades produzidas por eles. No canto direito perto da porta, encontramos uma mesinha com o caderno onde as crianças escrevem o seu nome, serve como um caderno de frequência, assim que eles chegam vão logo assinar. Percebo que eles têm uma rotina de tirar os sapatos, a maioria quando chega deixa o sapato nesse canto direito perto dessa mesa.

Ainda nesse espaço nas paredes existem algumas regrinhas de convivência e organização do espaço, mais o alfabeto em libras.

Quando entramos na casa encontramos duas salas, a primeira contém uma estante onde são organizados os livros, lápis, borracha, apontador, canetinha, giz de cera, lápis de cor. Na segunda não tem nada, pois quando as oficinas ocorrem dentro da casa, acontecem nessa segunda sala. No quarto ela deixa guardados os brinquedos e materiais que ganha de doação ou compra para o projeto, e nesse quarto tem um banheiro.

Todas as vezes que chegamos ao Ponto de Leitura a Adélia nos recebe no portão, sempre agradecida pelo nosso sim. Geralmente as crianças são pontuais, então quando os voluntários chegam boa parte dos participantes já está lá. Interessante é que eles sempre ficam atentos a cada passo que damos até a oficina começar, os olhinhos brilham de curiosidade para saber sobre o que será a oficina.

## 5.2 Atores

A fundadora do projeto, Adélia Maia, é formada em pedagogia há dois anos. Atualmente trabalha como auxiliar de biblioteca na Biblioteca Municipal de Amargosa onde atua há cinco anos. Adélia tem uma trajetória de vida muito bonita. Voltou aos estudos com quase cinquenta anos, entrou para universidade e conseguiu se formar apesar das dificuldades.

Quando eu retornei os estudos em 2007, 2008 eu fiz o EJA, né? E ai eu tomei a pegar gosto pelo estudo, ai em 2010 eu fiz o Enem, não tive uma nota muito boa... E ai eu tinha uma vontade de cursar uma universidade, era um sonho que eu tinha, mas eu achava tão impossível... Eu não achava assim que eu tinha condições... Imagina uma mulher com quase 50 anos... Tanto é que quando eu entrei na universidade, a turma era toda de jovem... *[sic]*

Antes de entrar para a universidade, e trabalhar como auxiliar de biblioteca, Adélia atuou durante quatro anos como professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) pelo projeto Todos pela Alfabetização (TOPA<sup>4</sup>).

Apesar de sua formação em licenciatura em Pedagogia, e já ter atuado como professora, Adélia afirma não se sentir confortável com a nomenclatura professor.

Porque na verdade eu sempre... Assim eu não me considero um professor, eu gosto assim da questão de ser educador, porque eu acho que o professor é muito limitado...

---

<sup>4</sup> O projeto TOPA tem como objetivo Promover uma educação de qualidade para a população de jovens, adultos e idosos, assegurando seu ingresso e permanência na escola, garantindo-lhes as oportunidades necessárias à apropriação da leitura e da escrita e criando as condições objetivas para a inclusão social, política, econômica e cultural desses sujeitos. Informação retirada do site da Secretaria da Educação da Bahia. Acesso em: <http://www.sec.ba.gov.br/topa/topa.html>



Dá impressão que ele é detentor do saber... Como eu sou freireana, penso assim, que o professor parece que tem assim aquele status do inteligente, e o educador não... Eu acho que o educador vai para além da sala de aula. *[sic]*

No espaço em que Adélia atua, que é de educação não formal, ela se vê como uma educadora social, pois, como ela mesma afirma, “o educador vai para além da sala de aula”, e a proposta desses espaços de educação não formal é não ser engessado como muitas vezes os espaços de educação formal são. A palavra “professor” para Adélia está associada à ideia antiga de que a Educação era sinônimo de escolarização. Segundo o que se pode depreender de sua fala, a nomenclatura “professor” reduz as possibilidades de atuação do pedagogo e a restringe ao espaço escolar, sendo associada somente à escolarização. Já a definição de Educador amplia as possibilidades de educação. A Educação é muito mais do que escolarização. Como afirma Gohn (2010, p. 52), “O educador social ajuda a construir com seu trabalho de cidadania no território onde atua”. Durante o período de convivência com Adélia, pude perceber que seu trabalho, além de propiciar atrativos, como as oficinas, também envolve cidadania, pois ela instiga as crianças, ela permite e incentiva que sejam críticos.

Então é por isso que eu acho que esse trabalho voluntário eu acho importante porque eu tenho a oportunidade de estar falando para os meninos, estude, procurem ler... Porque além do que se aprende, é escrevendo que se aprende a escrever, então eu acho que é a oportunidade que eu tenho, porque talvez se eu estivesse em uma sala de aula eu não teria essa oportunidade. *[sic]*

Como apontado por Gohn (2010, p.51) “O aprendizado do Educador Social numa perspectiva da educação não formal realiza-se numa mão dupla – ele aprende e ele ensina”. Existe uma troca de saberes, há uma valorização do conhecimento dos sujeitos que frequentam os espaços de educação não formal, há um diálogo.

Porque é assim, a gente, aquele que tá ensinando ele também aprende da mesma forma que aquele que está aprendendo, então eu acho que é uma troca, o educador, ele olha para o seu educando de uma forma, como se fosse assim, é... Que todos tem capacidade, eu não vou olhar como se eu tivesse uma bagagem de conhecimento, como se o outro fosse uma sei lá, uma tábula rasa que não sabe nada... E como Paulo Freire fala que a leitura da palavra precede da leitura de mundo, então primeiro eles têm a Leitura de mundo deles, eles podem não ter a leitura da palavra, mas a de mundo eles tem, eles tem muito conhecimento... *[sic]*

As oficinas são desenvolvidas por voluntários. Estes são escolhidos por Adélia, e na maioria das vezes são estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, dos cursos de Pedagogia, Letras e Educação Física, mas também já contou com oficinas de psicóloga, nutricionista, policial, advogada, educador físico, artesã, empresários, dentre outros. Segundo a Adélia, esses voluntários devem apenas ter boa vontade e se dispor a estar com as crianças

do projeto. Quando questionada sobre como é feita a seleção para os voluntários desenvolverem uma oficina no Ponto de Leitura, Adélia responde:

Na verdade assim, como eu te falei, como eu me sinto melhor como educadora, eu penso que todo mundo, todas as pessoas têm capacidade de ensinar algo, de compartilhar algo, de um conhecimento, desde uma cozinheira, sabe? Então assim, isso vai acontecendo aos poucos, eu vou conhecendo as pessoas, eu vou convidando os estudantes... Eu tô em determinado lugar, aí a pessoa fala: Ah Adélia essa pessoa é psicóloga...

Ai eu: - Oi, tudo bom? Eu sou Dely, tenho um projeto.

A pessoa: - Ah que bom...

Adélia: - Vai fazer uma visitinha lá...

Ai eu entro em contato, eu vou convidando.. É mais uma questão de convidar... Tem pessoas assim: Dely eu queria ir lá fazer uma oficina, tu tem um espaço? Alguns já se oferecem, e outros eu já vou convidando. *[sic]*

Muitas vezes os espaços de educação não formal são associados à liberdade, que não têm regras e uma estrutura a serem seguidas como nos espaços de educação formal. Relacionando isso ao ato de ensinar, as atividades que são propostas em espaços de educação não formal devem sempre ter um objetivo, um propósito e não devem ser avulsas. Cabe pontuar que nessa colocação de Adélia, nota-se um diálogo entre educação informal e não formal, quando ela aponta que qualquer pessoa pode educar: o conhecimento de mundo, de vida é inserido no espaço de educação não formal. Apesar de ser colocado por Adélia que qualquer pessoa pode ensinar, não é somente o ensinar por ensinar, de qualquer jeito e de qualquer forma. O ensinar está para além dos conteúdos acadêmicos, parte do interior, da experiência de vida, do querer, da vontade em querer ajudar o outro, do contribuir com o outro com aquilo que se teve a oportunidade de aprender e compartilhar. É válido ressaltar que o que Adélia aponta é que qualquer pessoa pode educar, mas não que qualquer um pode ser um pedagogo, para isso é necessário uma formação.

O projeto até o momento da pesquisa não tem nenhum voluntário fixo, mas tem a colaboração de algumas pessoas que se dispõem com maior frequência para ajudar nas atividades do projeto. Existe uma dificuldade muito grande para se encontrar um voluntário fixo, que seja comprometido com o projeto. Isso pode até ser visto como um obstáculo, um impasse, mas Adélia transformou isso, que seria um impasse, em um aspecto metodológico interessante, pois os voluntários são itinerantes, volantes. Eles desenvolvem ações pontuais, no formato de oficinas, através de um plano com início, meio e fim. Sendo isso um ponto positivo, pois são pessoas diferentes, com ideias, experiências de vida e culturas diferentes, e isso amplia a relação e a troca de saberes. E pelo fato de ser passageiro e breve, não significa que o vínculo com as crianças não possa ser estabelecido. Isso ajuda a criança a elaborar

melhor o processo de fazer e refazer laços. Ela ressignifica a ideia de abandono e desprezo social, reinterpretando as experiências no Ponto de Leitura como aspectos naturais e saudáveis de enlaces e desenlaces, construção e reconstrução de vínculos. Outro ponto positivo é que as crianças gostam de novidade, e o fato de existir essa rotatividade faz com que as oficinas não se tornem repetitivas, pois cada voluntário leva algo novo sempre que vai. O fato de Adélia compartilhar as atividades em uma rede social já auxilia o voluntário quando for escolher o tema da oficina, pois se ele já tiver visto que já levaram o que ele pensou no momento, ele irá repensar e levar algo novo. No momento da entrevista, Adélia mencionou que uma estudante de pedagogia da UFRB havia conseguido a aprovação de um projeto para ser desenvolvido na comunidade, no Ponto de Leitura, iniciaria em agosto e teria um ano de duração. Sendo assim essa estudante será uma voluntária mais frequente atuando no projeto durante esse período de um ano.

Adélia tem um carinho muito grande pelas crianças da comunidade, em especial as que fazem parte do projeto, e quando se trata da relação do voluntário com as crianças ela afirma:

Eu já percebi que tem pessoas que vão pra lá e que às vezes eu convido e não cria um... É como se fosse assim, não cria um vínculo afetivo com as crianças, a pessoa vai pra fazer oficina, talvez por ser educada, faz e pronto. E já tem outros que são diferentes, já cria um vínculo com as crianças. Eu percebo no olhar sabe?! Aquela coisa assim que... Eu já consigo perceber isso. Aquela pessoa que eu vejo que sente prazer em estar lá. Não apenas em estar contribuindo, mas de estar lá na comunidade mesmo. *[sic]*

A partir disso percebe-se que mesmo que não exista uma seleção com pré-requisitos para ser voluntário no Ponto de Leitura, Adélia faz uma análise da postura e da relação com as crianças, que para ela deve ser umas das prioridades na hora de fazer o convite novamente.

As oficinas são sempre elaboradas pelos próprios voluntários. Adélia deixa o voluntário livre para escolher a temática que irá trabalhar com as crianças. Essas oficinas geralmente ocorrem as terças, quintas-feiras e aos domingos, e as quartas-feiras o projeto PET- Sustentabilidade desenvolve uma atividade com eles. A organização do calendário para essas atividades é sempre feita por Adélia, ela conta que quando chega na metade do mês, já vai convidando os voluntários para o mês seguinte. Quando não encontra alguém disponível para uma determinada data, ela mesma quem faz a atividade com as crianças, e o que ela sempre trabalha em suas oficinas é a leitura. Sobre isso ela afirma:

[...] o que eu sempre levo é a questão da leitura. Ou a gente escolhe, ou peço pra dois, três escolherem um livro né, aí a gente vai discutir aquele livro, depois a gente procura mudar as histórias ou então a gente trabalha com poesias, sempre eu levo

alguma coisa sempre voltada na questão da leitura. Porque eles gostam, além de fazer atividade eles gostam de registrar, ou que seja desenho eles não gostam de simplesmente ficar ouvindo, eles gostam de produzir, então assim já é costume deles. Às vezes acontece da pessoa que está dando a oficina, e eles perguntam, e aí professora a gente vai fazer o quê depois? A gente vai escrever? a gente vai desenhar? Então eles já esperam esse momento, então não é uma coisa assim como se fosse mecânica, mas eles mesmo que pedem. Ou faz um cartaz coletivo, ou divide em equipe, aí eu coloco os menores juntos, porque se coloca junto, os maiores querem e não deixam os menores fazer porque dizem que eles não sabe. Aí geralmente eu deixo os pequenos sozinhos e os maiores eu divido em equipe. Mas sempre a gente produz algumas coisas. *[sic]*

Apesar de as oficinas serem com uma temática livre, Adélia não deixa de incentivar a leitura. Ela iniciou o projeto com o intuito de se trabalhar com a ideia de leitura, e com o passar do tempo, o projeto assumiu uma concepção mais ampla de leitura: a Leitura de Mundo. Outro ponto importante colocado é a questão de as crianças pedirem sempre para registrar. Os registros feitos por elas são uma forma de demonstrarem que produziram algo, visto que foi apresentado algo (pelo voluntário do dia), em seguida elas querem mostrar que eles também são capazes de criar.

As crianças que fazem parte deste projeto são moradoras do bairro. Adélia afirma que não existe um pré-requisito para que essas crianças façam parte do projeto. Elas têm a faixa etária de 0 a 12 anos, e em média frequentam trinta e cinco crianças. Existem quatro adolescentes acima de 12 anos que ainda frequentam. Entraram no projeto na idade pré-estabelecida, mas mesmo após completarem os 12 anos, permaneceram no projeto e a ajudam quando necessário. Estes foram nomeados monitores.

### 5.3 A ação

Neste subcapítulo será narrada toda a minha experiência com o Ponto de Leitura, o primeiro contato, a observação da rotina da Adélia e as oficinas que tive o prazer de conduzir.

O primeiro contato com o projeto Ponto de Leitura foi em novembro de 2016. Uma amiga que faz parte do grupo PET- Afirmação iria desenvolver uma oficina lá na semana da consciência negra. Ela me convidou para ir com ela e as integrantes do grupo PET- Afirmação para conhecer o projeto. Como já haviam preparado a oficina, fiquei apenas como convidada só observando e, caso precisassem de ajuda em algo, estava à disposição. Nesse dia a Adélia não estava, mas havia uma voluntária que a ajudava na época, e nos recepcionou muito bem.

Em março de 2017 fui convidada por Adélia para desenvolver minha primeira oficina com as crianças no projeto. Como ainda não me conhecia, ela me fez o convite via internet.

Ao chegar ao Ponto de Leitura, fui de imediato conversar com a Adélia para conhecê-la melhor e agradecer pelo convite. Nesse dia levei comigo uma amiga. Chegamos um pouco antes do horário que geralmente começa a oficina para poder organizar as coisas antes das crianças chegarem. Aos poucos elas foram chegando e com isso fui notando que elas tinham uma rotina: assinavam um caderno que fica na entrada da casa; retiravam os sapatos antes de entrar e, após, sentavam no cantinho onde ficavam alguns tapetes. Alguns deles iam até a prateleira e pegavam um livro para ler ou somente para folhear. Até chegar o horário de começar a oficina, as crianças ficavam com o olhar curioso seguindo os nossos passos. Como afirma Farias e Manso de Barros (2009, s.p.), “[...] no domínio da curiosidade infantil, o acesso ao saber encontra-se condicionado ao ver, por uma via ou por outra”. Sendo possível assim compreender que o olhar das crianças de curiosidade era a ansiedade em querer saber e conhecer o que estava por vir. Quando Adélia percebe que todos ou a maioria das crianças já chegaram, ela os reúne na sala, apresenta o voluntário do dia e todos começam a música do “Seja bem-vindo”. Foi uma recepção muito calorosa. No primeiro momento, eu e minha amiga nos apresentamos e em seguida eles se apresentaram. Um fator muito importante é que assim que a oficina começa, Adélia deixa os voluntários muito livres e à vontade para trabalhar com as crianças, ela permanece no espaço, faz os seus registros, mas não interfere em nada. Como o tema dessa oficina era “O meu lugar no mundo”, levei um globo terrestre para que eles pudessem identificar da forma deles onde é que eles achavam que se encontravam no mundo. Eles adoraram rodar o globo para procurar o “seu lugar no mundo”. Houve um bate papo com eles sobre “de onde somos”. Como não sou da cidade, expliquei para eles que eu era de outro estado, que o meu lugar no mundo era o Rio de Janeiro, tentei de uma forma simples explicar do macro ao micro (que pertencemos a um país, somos de um estado, moramos em uma cidade, no bairro X, na rua Y). Levantei algumas questões como: vocês sabem o nome do nosso país? E do estado? Da cidade? Depois de toda essa conversa foi exibido o clipe da música “Oras Bolas” da “Palavra Cantada”, que aborda o lugar onde o personagem do clipe ocupa, para assim eles compreenderem a noção do espaço que ocupamos como nosso lugar. Após isso, propus uma atividade onde eles pudessem desenhar o lugar que eles ocupavam no mundo, poderia ser da forma como eles quisessem, mas a maioria deles desenhou apenas o planeta Terra, fizeram a seu modo, mas fizeram. Assim que todos terminaram os seus desenhos, encerrei a oficina e, como lembrancinha, entreguei para eles um pirulito com a figura do planeta Terra na frente. Ao final, agradei às crianças e a Adélia.

A segunda oficina foi desenvolvida em maio de 2017. A data que me dispus foi no dia 30/05, dia da bandeira. Foi uma oficina conjunta, minha amiga que havia ido comigo na

primeira retornou comigo, só que dessa vez em uma parceria. Pensamos a oficina juntas, com a temática sobre o dia da bandeira e a história do surgimento das bandeiras. Como de costume, Adélia reuniu as crianças e cantaram a música do “Seja bem-vindo”. Iniciamos a oficina com um bate papo, questionando-os se sabiam o que se comemorava aquele dia e nenhum deles sabia responder. Falaram várias coisas menos sobre o dia da bandeira. Após isso, explicamos a eles o que se comemorava, e contamos sobre o surgimento das bandeiras, como as primeiras bandeiras foram criadas e que elas têm um significado. Exibimos algumas bandeiras que eles pudessem conhecer (a bandeira dos piratas, de times, do Brasil, e das olimpíadas) e perguntávamos se eles sabiam o que significava cada bandeira, e as crianças arriscavam um palpite sobre o que poderia ser. Quando chegou a bandeira dos times, eles adoraram, imagino que tenham se identificado com o seu time de coração. Após isso, propusemos uma atividade em que eles construíssem a bandeira deles e que tivesse um significado assim como todas as bandeiras e depois apresentassem sua bandeira para os colegas. Todos participaram da atividade, mas na hora da exposição nem todos quiseram apresentar, e após as apresentações encerramos a oficina. Dessa vez levamos para Adélia por escrito o roteiro da oficina.

A terceira oficina foi desenvolvida em outubro de 2017. Foi a oficina dos Origamis. A ideia de levar essa oficina foi fazer com que eles produzissem algo. Como de costume, Adélia iniciou reunindo as crianças e juntos cantaram a música do “Seja bem-vindo”. Iniciei a oficina questionando se eles já ouviram falar em origamis e se conheciam. Boa parte conhecia e disse que outro voluntário já havia feito um origami com eles. Conteí um pouco sobre o que era um origami e sua história. Após esse momento, mostrei para eles alguns origamis prontos e depois mostrei o passo a passo para que eles pudessem observar o processo de cada origami. Em seguida perguntei o que eles haviam gostado mais e fizemos todos juntos, passo a passo. Adélia sempre registrava e fazia suas anotações. Ao final juntamos cada um com seu origami e tiramos uma foto para Adélia publicar na página do Ponto de Leitura. Após isso, Adélia havia me dito que havia ganhado um urso de pelúcia e pediu para que eu escolhesse uma das meninas que havia ficado para ajudar na limpeza. Decidimos fazer a brincadeira do vivo ou morto e quem ganhasse a brincadeira levaria o urso, e assim foi feito.

Em novembro de 2017 eu e uma amiga de sala participamos do IV Congresso Nacional de Educação em João Pessoa, e lá ganhamos um material sobre educação e segurança no trânsito para crianças. Adélia havia me feito o convite para mais uma oficina então aproveitamos esse material de educação no trânsito. A oficina foi desenvolvida por mim e por essa amiga em dezembro de 2017. Como de costume as crianças cantaram a música do

“Seja bem-vindo”. Pelo fato da minha amiga estar indo pela primeira vez, deixei que ela iniciasse a oficina para poder se enturmar com as crianças, visto que eu já as conhecia. Após esse momento inicial que foi mais de apresentação, fizemos uma sondagem para saber o que eles sabiam sobre as leis de trânsito. Apareceram muitas histórias de acidentes com os familiares deles, todos queriam falar, narrar o que havia acontecido com o seu familiar, deixamos que eles expusessem cada um sua história. Após essa roda de conversa, retornamos ao assunto das leis de trânsito exibindo uma foto (que veio no material que ganhamos). A foto era de um rapaz paraplégico por conta de um acidente, expliquei a eles como havia acontecido o acidente, e que foi de uma forma simples, mas que teve uma proporção muito grande na vida dele. Ao final fizemos uma dinâmica para que representassem as respectivas cores do semáforo. Todas as crianças participaram. Eles foram divididos em três grupos, cada um com a cor do semáforo e deveriam representar uma situação. Eles optaram por representar em forma de teatro, eles conseguiram relacionar com o dia a dia deles. Enquanto ocorriam as apresentações Adélia preparava o lanche para eles (levamos pipoca e suco). Depois da apresentação todos lancharam e ganharam um pirulito. Ao final, descrevemos todas as atividades para Adélia e entregamos o material que ganhamos para ela. Nesse dia havia um senhor que estava ajudando a Adélia, ele estava cumprindo pena socioeducativa no Ponto de Leitura.

Em março de 2018 fui convidada para mais uma oficina. A data da oficina foi no dia 22/03, dia internacional da água, pensei então em ser essa a temática. Como de costume fui recepcionada pelas crianças e por Adélia com a música do “Seja bem-vindo”. Após isso, iniciei uma conversa com as crianças sobre a água (poluição, as formas da água, o desperdício, como fazer para economizar a água e etc..). Todos interagiram. Nesse dia as crianças estavam bem agitadas, foi algo diferente dos outros dias que estive lá, Adélia precisou intervir na oficina em alguns momentos, inclusive retirou uma das crianças, um dos mais novos e mais agitados, pois estava tirando a atenção dos outros. Ela o retirou e deu uma função a ele pedindo que a ajudasse, pois ela estava preparando o lanche (eu havia levado alguns biscoitos para o lanche deles). Quando tudo se acalmou, fiz algumas experiências com água para que eles observassem todo o processo. Antes de iniciar, expliquei a eles quais materiais utilizar e o passo a passo, pois se quisessem podiam fazer em casa. A experiência que eles mais gostaram foi a experiência com uma vela, um copo, um pouco de água com corante, o experimento fazia com que a pressão e o calor da vela acesa fizesse com que a água entrasse para o copo, e eles ficaram encantados, todos eles queriam fazer esse experimento. Fui alternando os experimentos para que todos pudessem participar. Adélia também ficou

observando as experiências e fazendo suas anotações. Assim que eu disse que havia terminado, eles queriam que eu repetisse a última experiência (a da vela com a água) e assim foi feito, repeti mais umas duas vezes. Quando terminei, todos foram lanchar e antes de irem embora ganharam um pirulito. Ao final descrevi toda a oficina para Adélia.

Após a entrevista com Adélia, combinei de ir dia 03/07/2018 ao projeto para fazer uma observação, rever o espaço e colher alguns dados que julguei ser importante. A ideia de ir esse dia foi apenas para observar, sem estar como uma voluntária. Como de costume, cheguei um pouco antes do horário da oficina começar, conversei um pouco com Adélia, entreguei uma doação de lanche para ela, pois ela havia comentado comigo que estava sem reserva de lanche para as crianças. Sentei em um cantinho com o meu caderno para fazer a observação. Em seguida, algumas crianças começaram a me perguntar se eu seria a “professora” que daria a oficina do dia, e a cada pergunta eu explicava um pouco o que eu estava fazendo lá. Após um tempo, algumas crianças começaram a sentar próximas a mim, acredito eu para saber o que eu estava anotando. Um deles me perguntou se eu estava ali avaliando e escrevendo no meu caderno sobre o comportamento deles, e aí eu expliquei a ele mais detalhadamente e de uma forma simples para ele compreender que era apenas uma pesquisa. Nesse dia os voluntários demoraram um pouco para chegar então as crianças começaram a pegar livros para ler e desenhar. Uma das meninas pegou um livro de adivinhações sentou ao meu lado e perguntou se poderia ler para mim, eu disse que poderia e aí ela fez as perguntas do livro. Essa menina fez uma avaliação sobre mim, me elogiou, disse que eu era muito bonita e era cheirosa, e queria ficar ali do meu lado. Quando ela percebeu que já tinha uma certa abertura comigo começou a tocar no meu cabelo, a me observar mais de perto, ela me olhava e me observava como se estivesse fazendo uma análise sobre mim. Como Laplantine (1943, p.24) aponta sobre o pesquisador etnógrafo, “Nós nunca somos testemunhas objetivos, observando objetos, mas sujeitos observantes de outros sujeitos no seio de uma experiência na qual o observador é ele mesmo observado.”. E foi essa experiência com essa menina, estava a observar, mas ela e algumas das outras crianças também estavam a me observar. Esse momento me permitiu uma aproximação e de certa forma uma abertura com as crianças. Adélia nesse intervalo de tempo estava na cozinha arrumando algumas coisas para o lanche. Quando ela voltou para a garagem (onde estávamos e ocorreria a oficina) ela percebeu essa aproximação da menina comigo, começou a contar um pouco sobre como ela estava com a leitura, pois no início do ano ela estava com dificuldades e teve um avanço no decorrer desses meses. Enquanto a oficina não começava, as crianças ficavam conversando ou então pegavam um livro para ler. Assim que os voluntários do dia chegaram,



Adélia pediu que antes de começarem a oficina eu pudesse explicar para as crianças sobre a minha pesquisa. Feito isso, os voluntários iniciaram a oficina. O tema do dia foi xadrez e eles iriam durante o mês ensinar o passo a passo de como jogar xadrez. Ao decorrer da oficina Adélia faz suas anotações e registra com fotos toda a oficina. Após a oficina, Adélia agradece os voluntários e com a ajuda dos monitores ela organiza o lanche. Enquanto as crianças lancham, Adélia conversa com os voluntários e comigo, e apresenta para nós a planta da construção que fez para a sede do Ponto de Leitura que será construída no terreno que o projeto ganhou.

O período de experiência com o projeto foi uma via de mão dupla, fui convidada para levar algo que sabia para as crianças, mas pude aprender com eles muitas coisas. Dentre as várias coisas, destaco a minha postura como uma futura pedagoga. Estar com eles em diversos momentos me permitiu corrigir o modo como me portar assim como na forma de falar e me expressar. A forma como eles me receberam desde o primeiro contato foi um diferencial, pois me permitiram estar sempre à vontade. E outro ponto a destacar é o lado humano, o afeto que aquelas crianças demonstram para com os voluntários, os que se permitem ser abraçados pelo projeto, é algo que amolece qualquer coração. Mesmo sem conhecer muito, elas abraçam, beijam e inclusive fazem cartinha. Fui muito tocada por esses gestos de carinho dessas crianças.

O Ponto de Leitura como um espaço de educação não formal, a meu ver, tem toda uma organização, estrutura e sistematização, a seu modo, mas tem. Desde a entrada dos participantes (as crianças) até a escolha dos voluntários. A coordenadora elabora tudo conforme as necessidades do projeto.

A educação não formal ocorre em ambientes e situações interativas construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um, em seu processo de experiência e socialização, pertencimentos adquiridos pelo ato da escolha em dados processos ou ações coletivas. Há na educação não formal uma *intencionalidade na ação*, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. (GOHN, 2010, p.18)

Como apontado pela autora, no projeto pude perceber que os participantes vão por vontade própria, é um espaço de muita interação. Além de existir a contribuição dos voluntários que vão para desenvolver suas oficinas, compartilhar seus saberes, as crianças também podem compartilhar suas experiências de vida e o seu conhecimento de mundo. Como pontuado pela coordenadora do projeto e percebido por mim também, as crianças apresentam muitos desejos e necessidades em determinados aspectos. O projeto na comunidade veio como um meio de proporcionar a eles novas experiências, pois além de eles

terem uma aproximação com a leitura, que é um dos principais objetivos do projeto, eles podem brincar e conhecer o novo com a ida dos voluntários e as diversas oficinas que são oferecidas.

Apesar de essas crianças morarem em um bairro com muitas necessidades e problemas, elas demonstram ser muito felizes, apesar das dificuldades que cada uma enfrenta. Elas são muito receptivas e percebemos isso de cara quando chegamos ao Ponto de Leitura. É uma alegria que contagia. Um diferencial notado desde o primeiro contato com o projeto é a postura das crianças. É sabido que as crianças de modo geral, quando reunidas, gritam, pulam, correm, literalmente fazem a festa. No Ponto de Leitura não é diferente, mas eles têm um diferencial, pois quando chegamos lá na maioria das vezes eles estão sentados e com um livro na mão. O projeto é dotado de regrinhas de convivência, e isso já vem sendo trabalhado com eles desde o início do projeto, eles já internalizaram que lá é um espaço de aprendizado e que devem ter uma postura diferente, não que eles devem ficar como robôs, mas por eles saberem que lá não é um espaço para bagunça, já chegam de uma forma diferente, brincam e conversam antes da oficina começar, mas assim que começa, eles conseguem ficar atentos e comportados.

Gohn (2010, p.39) enumera os objetivos da educação não formal como sendo “Educação para cidadania que incorpora”:

- a) Educação para justiça social.
- b) Educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.).
- c) Educação para liberdade.
- d) Educação para igualdade e diversidade cultural.
- e) Educação para democracia.
- f) Educação contra toda e qualquer forma de discriminação.
- g) Educação pelo exercício da cultura para a manifestação das diferenças culturais.

Os objetivos elencados pela autora de certa forma são perceptíveis no Ponto de Leitura. Adélia consegue trabalhar diversas questões com as crianças, assim como incentivá-las a serem cidadãos que buscam, que correm atrás dos seus direitos, apesar de serem crianças. Dentro do projeto ela cria diversos outros pequenos projetos instigando as crianças, como exemplo a atividade “O bairro da Urbis II que queremos para o futuro”. Adélia fez algumas provocações relacionadas ao bairro, sobre a realidade e possíveis melhorias. A partir disso foi solicitado que as crianças expressassem em forma de desenho, os que ainda não são alfabetizados, e os que são alfabetizados em forma de texto descrever o bairro que eles queriam para o futuro. Podemos verificar que nessa atividade diversos aspectos foram trabalhados com as crianças, assim como o dar voz a eles, deixar com que eles pudessem a

partir da sua realidade expressar e apontar o que poderia ser melhorado em seu bairro, visto que é um direito de todos, morar em um bairro digno e com o básico, e lá eles não têm. Esse foi apenas um exemplo de atividade que se trabalha cidadania, identidade, igualdade, democracia, justiça social e os direitos, como citados por Gohn (2010). E não necessariamente somente em uma oficina se trabalha essas questões, mas paulatinamente. As oficinas que pude desenvolver com as crianças foram com temáticas diferentes, e com intervalo de tempo. Isso, como pontuado anteriormente, pôde ser para as crianças algo positivo, fui diversas vezes, mas levando sempre uma novidade. Pude trabalhar na oficina “O meu lugar no mundo” a identidade, pois eles puderam se identificar no mundo, e também a diversidade cultural, pois pudemos conversar sobre o meu lugar (Rio de Janeiro) e o lugar deles (Bahia). Na oficina das bandeiras eles puderam criar uma bandeira que o representasse, que também trabalhou a identidade a partir da produção deles. A oficina de “Origami”, além das habilidades psicomotoras, trouxe a diversidade cultural, eles puderam conhecer um pouco sobre algo que pertence a uma cultura diferente da nossa, mas que de certa forma está inserida na cultura do nosso país. Já a oficina de “Educação no trânsito para crianças” abordou a cidadania, a vida em sociedade e, a partir dos exemplos colocados no decorrer da oficina, eles puderam refletir acerca das regras básicas que devemos seguir para um bom convívio em sociedade, se tratando da educação no trânsito. A última oficina “Dia internacional da água”, elas puderam refletir sobre as regras para se viver no mundo, pois o cuidado com a água é um dever de todos nós seres humanos, e que devemos preservar o mundo que vivemos. Todas essas oficinas foram trabalhadas numa perspectiva em que o que eles sabiam sobre o tema fosse valorizado, pois antes de aprofundar no tema em questão, os questionava para saber o que eles já sabiam sobre. E isso de certa forma era um reforço positivo para eles pois se sentiam à vontade para falar sobre o que conheciam e, caso não conhecessem, já levantavam um questionamento, uma dúvida, o famoso: “Mas, por quê?” ou “Por que o nome disso é assim?”; “De onde surgiu?”. A partir dessas pequenas, ações eles aprendem a ser críticos. E conforme essas crianças vão crescendo, e adquirindo maturidade, elas vão tendo uma visão de mundo mais crítica e aprimorada, graças a essas ações desenvolvidas no projeto.

Gohn (2010, p. 19) afirma que “Um modo de educar é construído como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades dos que participam”. E isso é percebido no projeto, convergindo com o posicionamento da autora. Adélia criou toda uma estrutura a partir das demandas e realidade encontrada. Sobre sua metodologia utilizada no processo podemos afirmar que também foi pensada a partir da realidade posta. O projeto como um todo foi pensado por uma única pessoa, Adélia, e o como levar a diante o projeto também.

Destaco algumas características observadas sobre o projeto:

- A coordenadora do projeto é também a gestora. Desempenha todas as funções.
- Não existe um processo seletivo para ingressar no projeto.
- Não existe um processo seletivo para ser voluntário no projeto. A coordenadora parte do princípio de que todos podem ensinar algo.
- Esses voluntários são convidados pela própria coordenadora. E ela não necessariamente precisa conhecê-los pessoalmente para fazer o convite. (Foi o meu caso). Porém ela sempre tem uma referência prévia sobre esta pessoa e, no dia da oficina, ela faz uma conversa informal para analisar seu perfil.
- A coordenadora dá liberdade para que os voluntários possam elaborar suas oficinas como preferir.
- Durante a oficina a coordenadora dá autonomia para os voluntários. Interfere apenas quando há a necessidade por conta de alguma eventualidade.
- Apesar de partir do princípio de que todos podem ensinar algo, a coordenadora é crítica, minuciosa e cuidadosa quando o assunto é a relação do voluntário com as crianças.
- A coordenadora faz registros das oficinas com anotações e fotos, pois divulga em uma rede social todos os trabalhos realizados no projeto.
- Nas datas comemorativas (dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, São João, aniversário do projeto, final do ano etc.) é sempre desenvolvida uma atividade extra que acontece com a colaboração das crianças na elaboração de alguma produção para ser apresentada à comunidade.
- A coordenadora não realiza reuniões periódicas com os pais das crianças. Quando necessário ela pede que o responsável vá até o projeto e lá ela conversa.

A partir do que foi apontado, e em perceber como o projeto caminha, a metodologia utilizada por Adélia funciona muito bem, apesar de algumas dificuldades apontadas por ela. Gohn (2010, p.46) aponta que “Na educação não formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem partem da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana;”. Analisando a metodologia utilizada por Adélia e o que Gohn (2010) define como metodologia dos espaços de educação não formal há uma convergência, pois tudo é sempre pensado a partir das demandas do grupo que frequenta o projeto. Gohn (2006) afirma que um dos pontos mais fracos da educação não formal são as metodologias, e Gohn (2010) ainda pontua como um ponto polêmico, e isso é um contraponto com o espaço pesquisado: a metodologia utilizada pela fundadora é um dos pontos mais fortes, pois define o projeto, e é perceptível que essa metodologia funciona muito bem.

Visto que esta pesquisa tem como foco a atuação do pedagogo em espaço não escolar, na entrevista feita com Adélia, algumas coisas foram pontuadas e que merecem destaque. Uma das questões foi: **“Como é que foi sua trajetória na universidade? Você se identificou com alguma disciplina? Lhe foram apresentadas as possibilidades de atuação para o pedagogo fora do espaço escolar?”**

Não. Era assim... o pedagogo... eu acho que foi logo no final disso, que ele podia atuar como coordenador ou então no ensino fundamental I. Não é isso? De primeiro a quinto ano, né? E a disciplina que eu fiz assim que mais me identifiquei muito foi educação popular. Eu lembro que o espaço, a gente fez um estágio não formal no AA (Alcoólicos Anônimos). Até lá eu não tinha começado esse trabalho né? Mas foi nos Alcoólicos Anônimos. *[sic]*

**((E lá tinha um pedagogo?))**

Não. Lá é uma associação sem fins lucrativos né, que trabalha nessa questão de [...] mas também é por falta de espaço e ate mesmo opção do grupo. Acabou que a gente foi para o AA. A gente fez essa pesquisa lá. *[sic]*.

Como pontuado por Adélia e também vivenciado por mim, mesmo que tenhamos a disciplina de estágio em espaço não escolar, a demanda da cidade não apresenta essa variedade, e como consequência não conseguimos ver de perto a atuação do/a pedagogo(a) em outros espaços.

Por fim, destaco parte da entrevista com Adélia onde ela pontua a pedagogia no projeto. A questão foi: **Como você vê a pedagogia no ponto de leitura? Qual o papel da pedagogia no ponto de leitura?**

Ó, eu vejo assim... Se eu for olhar a pedagogia da universidade, eu acho, por exemplo, assim... A universidade é como se fosse assim, muito conhecimento. [...] Então eu lá como o Ponto de Leitura é um espaço não formal, né, essa instituição sem fins lucrativos, e ai vou buscando as minhas leituras né, minhas experiências que eu adquiri esse tempo que passei na universidade, e eu vou buscando isso, de certa forma para contribuir com o projeto né assim tipo sei lá, a forma de aproximar a leitura, de que forma a criança pode criar o gosto pela leitura, como o objetivo do projeto é esse, então eu vou buscando esse tipo de estratégia, de que forma que a criança pode adquirir o hábito, o gosto pela leitura, o hábito eu vejo que é mecânico e o gosto é algo assim natural e ele vai sendo gradativamente saindo da criança. [...] Então assim, eu vejo que o curso da Pedagogia me ajudou nessa questão, é como se fosse assim, pela questão da visão mais assim, mais ampla de como eu posso ajudar aquela criança, aquele menino que não gosta de ler, ou então que falar eu tenho trauma com leitura... Eu vejo nessa questão assim, como é que eu posso ajudar? Naquele conhecimento que eu adquiri na universidade ai eu fico assim pensando estratégias, ai eu digo assim, meu Deus, o que é que eu levo mesmo? Ai eu digo assim eu vou perguntar... Como é um espaço não formal, a criança é mais instigada, como ela não é obrigada a ir, ela vai porque ela quer, porque ela gosta, tem criança que disse que podia nem ter escola, que podia ficar só no Ponto de Leitura. *[sic]*

A partir do que Adélia pontua, percebe-se que ela sublinha o conhecimento adquirido na universidade, e isso de fato é muito importante, pois tudo que aprendemos na universidade nos dá uma base para lidar com a realidade, com a prática. Ela, em sua fala, parece preocupar-

se em trazer teorias (cita bastante Paulo Freire, por exemplo), aspectos acadêmicos, o que é natural, pelo fato de estar dando uma entrevista para uma estudante que levará suas palavras para um supervisor pesquisador. É comum apresentarmos uma certa cautela diante de um pesquisador, quando nos sentimos analisados por acadêmicos, e ela já esteve desse lado como uma pesquisadora, quando estudante universitária. Sua resposta talvez seja pelo fato de acreditar que eu, como pesquisadora, estivesse buscando as teorias com as quais ela se afina. Mas o detalhe crucial nessa pesquisa, ou seja, o que eu estava mesmo buscando era a teoria que ela mesma, Adélia, cunhou, a sua pedagogia, a sua metodologia. E foi possível perceber, durante os dias de experiência no projeto, que tudo isso existe. Essa pedagoga agora está deste outro lado, como uma referência, em seu espaço de atuação. Ela e as crianças fazem a pedagogia acontecer.

Adélia teve sua trajetória marcada por algumas dificuldades, e como mencionado por ela, uma delas foi a dificuldade com a leitura, ao retornar os estudos e isso foi um impulso para que ela continuasse sua graduação e a concluísse com êxito. Além disso essa dificuldade enfrentada por ela foi um dos motivos para querer fundar um projeto em que ela pudesse ajudar pessoas a não passar por essa dificuldade que ela passou, e a partir disso o projeto foi fundado e contribui muito na vida das crianças que o frequentam. Hoje ela é uma educadora, pedagoga e desenvolve um trabalho lindo no projeto.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa pôde apresentar uma breve discussão sobre o conceito de educação e de educação informal (que ocorre no seio familiar, na vizinhança, a partir dos valores e princípios passados de geração), educação formal (ocorre em instituições regulamentadas por lei, existe um currículo a ser seguido, uma estrutura pré estabelecida) e educação não formal (ocorre de forma espontânea, a partir da troca de experiências com o outro). O educador em espaços informais é o outro, podendo ser o pai, mãe, irmão, amigos, vizinhos, etc. Nos espaços formais, o/a pedagogo(a), o/a professor(a). Nos espaços não formais, o educador pode ser o outro, mas também existe a presença do/a pedagogo(a).

No decorrer da pesquisa conhecemos alguns espaços em que o/a pedagogo (a) pode atuar (no setor empresarial, hospitais e projetos sociais), mas com mais ênfase à atuação em um projeto social da cidade de Amargosa, pois a cidade não apresenta diversidade na atuação desse profissional. E diante de tudo que pude vivenciar, compreendi que a pedagoga nesse espaço de educação não formal atua muito mais como uma educadora social. Ela se envolve com a comunidade. As ações desenvolvidas no projeto proporcionam às crianças uma aprendizagem diversificada a partir das oficinas desenvolvidas com os voluntários que passam por lá.

O período de experiência no projeto me permitiu conhecer o belo trabalho que essa pedagoga desenvolve com as crianças. Além disso, pude, na prática, vivenciar um pouco do que seria esse trabalho de desenvolver oficinas. Elas não são desenvolvidas apenas como uma forma de lazer para as crianças, elas sempre têm um objetivo e devem ser significativas na vida dessas crianças.

Quanto ao trabalho desenvolvido por Adélia, a pedagoga e fundadora do projeto, há uma relação muito grande com o que Gohn (2010) defende sobre a educação em espaços não formais. Adélia preza muito pela autonomia, incentiva muito as crianças a serem críticas. Ao decorrer do tempo, o projeto foi ganhando forma e uma metodologia própria e consistente, contradizendo alguns autores, inclusive a própria Gohn (2006), quando diz que as metodologias do espaços de educação não formal são fracas.

Assim como eu, no começo da graduação, tive dúvidas em relação aos espaços em que o/a pedagogo(a) pode atuar, espero que esta pesquisa possa contribuir positivamente para que outros conheçam um pouco melhor sobre a atuação do/a pedagogo(a). Almeja-se também, como desdobramento futuro, que este estudo amplie as possibilidades de pesquisa sobre objetivos e metodologias em espaços de educação não formal, ao permitir que seus

fundadores e educadores assenhorem-se de suas próprias teorias, assumam a autoria de seus modelos originais e autênticos e de suas refinadas práticas pedagógicas.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, J. **Pedagogia empresarial nas organizações que aprendem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2012.

ANDRÉ, M.E.D. A de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Decreto-lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, 21 de out de 1969; 148º da Independência e 81º da República. Disponível em: <  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del1044.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del1044.htm) > Acesso em: 13/05/2018

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

FALCO, A. M.C; MOREIRA, J. A. S. **A gestão do trabalho pedagógico em espaços escolares e não escolares: um debate acerca da formação do pedagogo no Brasil**. B. Téc. Senac, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 256-273, jan./abr. 2017. Disponível em: <  
<http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/417/377> > Acesso em: 03/08/2018

FARIAS, F. R.; MANSO DE BARROS, R.M. **Da curiosidade infantil ao desejo de saber: a criança e a infância**. An 7 Col. LEPSI IP/FE-USP.2009. Disponível em <  
[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100036&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100036&script=sci_arttext) > Acesso em: 01/07/2018

FERREIRA, C.A.L. **Pesquisa Qualitativa e Quantitativa: perspectivas para o campo da educação**. Revista Mosaico, v. 8, n. 2, p. 173-182, jul./dez. 2015.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FREIRE, P. **Política e educação/Paulo Freire**; [organização Ana Maria Freire]. 1 ed- São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, A.P.A. SILVEIRA, N.L.D. **Ética na pesquisa com sujeitos humanos: Aspectos a destacar para investigadores iniciantes**. Psicol.Argum.2008, jan./mar., 26(52), 35-46

GODOY, A.S. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de empresas. São Paulo: v.35.n3.20-29 maio/junho 1995

GOHN, M.G. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas na escola**. Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan-mar. 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação não formal e o educador social: a atuação do desenvolvimento de projetos sociais**.São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. [tradução João Manuel Ribeiro e Sérgio Coelho], São Paulo: Terceira Margem, 2004. Disponível em <  
<https://www.passeidireto.com/arquivo/38500869/francois-laplantine---a-descricao-etnografica>  
> Acesso em: 23/07/2018

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas**. Curitiba: Educar, n.17, p.153-176. 2001.

LOPES, I. **Pedagogia empresarial: Por quê? Para quê?** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

MATOS, E. L. M. e MUGIATTI, M, M, T, F. **Pedagogia Hospitalar: A Humanização Integrando Educação e Saúde**. 4ª Edição. Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 2009.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, C.L.G., and CASTRO, P.A., Orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.

PAULA, E.M.A.T. MACHADO, E.R. **Pedagogia: concepções e práticas em transformação**. Curitiba: Educar, 2009. n. 35, p. 223-236

PIMENTA, S.G. **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. In: Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudanças. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RESOLUÇÃO CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11.

RIBEIRO, A.E.A. **Pedagogia Empresarial: atuação do pedagogo na empresa**. 6.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SOUSA, L.F.L. LEAL, A.L. SENA, E.F.C. **A importância da comunicação não-verbal do professor universitário no exercício de sua atividade profissional**. Rev. CEFAC. 2010 Set-Out; 12(5):784-787

## 8. APÊNDICE A

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### Observação

Rotina de preparação do calendário das atividades que serão desenvolvidas;

Organização do espaço;

Qual a postura durante as oficinas ministrada pelos voluntários;

Como é feita a escolha dos voluntários para aplicar a oficina;

Relação (crianças, pais, comunidade e voluntários);

#### Questões

Você poderia falar um pouco sobre sua trajetória na pedagogia? Como escolheu o curso, o ingresso na universidade, quantos anos de formação, quanto tempo atua na área? Fique à vontade para me contar um pouco da sua história e pontuar o que julgar relevante.

Quantos anos de formação? Há quanto tempo atua na área?

- Ao decorrer da sua formação como Pedagoga, lhe foram apresentadas possibilidades de atuação para o pedagogo fora do espaço escolar?

- Como e quando surgiu o interesse em trabalhar em espaço não formal?

- Por que escolheu atuar em um projeto social?

- Você poderia me contar um pouco sobre seu projeto? A história do projeto, como funciona atualmente, a estrutura, os voluntários participantes e as suas atribuições lá hoje? Fique à vontade também para falar sobre essa história e me contar tudo aquilo que você achar importante.

- Quais são suas principais atribuições no projeto?

- Além de você, existem outros pedagogos ou estudantes de pedagogia no Ponto de Leitura?

- Qual o papel da pedagogia no projeto Ponto de Leitura?

Você gostaria de destacar alguma questão ou algum assunto que não foi abordado nesta entrevista?